

# IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS



**WILLIAM STANTON MOSES**

# DADOS DE COPYRIGHT

## **Sobre a obra:**

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## **Sobre nós:**

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**WILLIAM STANTON MOSES**  
**IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS**

Lançamento original:

**WILLIAM STANTON MOSES**  
**SPIRIT-IDENTITY**

W.H. Harrison.

38, Great Russell Street

London – 1879

Tradução: Wellington Alves

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2021

Distribuição gratuita:

*Portal Luz Espírita*

*Autores Espíritas Clássicos*



Rev. William Stainton Moses  
M.A. (OXON)

# Identificação dos espíritos

LONDRES  
1879

# SUMÁRIO

PREFÁCIO — pág. 08

INTRODUÇÃO — pág. 09

Dificuldades no modo de investigação — pág. 11

Resultados divergentes dos investigadores — pág. 11

Hostilidade das opiniões reprime a publicidade dos fatos — pág. 11

Os resultados também são da natureza inerente dos fatos — pág. 13

A Inteligência Operadora tem que ser considerada — pág. 14

Os portões sendo escancarados, uma multidão heterogênea adentra —  
pág. 19

Negligência das condições apropriadas à investigação — pág. 21

Outros agentes além dos falecidos — pág. 23

Aspectos religiosos da questão — pág. 26

A INTELIGÊNCIA OPERADORA NO OUTRO LADO DA LINHA — pág. 31

Escopo das perguntas — pág. 32

A natureza da Inteligência — pág. 33

O que é a Inteligência? — pág. 33

Presunção de grandes nomes — pág. 34

Ausência de afirmações precisas — pág. 35

Mensagens contraditórias — pág. 36

Condições nas quais boas evidências são obtidas — pág. 37

Valor de testemunhas corroborantes — pág. 38

Experiências pessoais — pág. 39

Influência da associação, especialmente de localidade — pág. 44

Espíritos que se comunicaram por um longo período — pág. 46

Espíritos infantis comunicantes — pág. 46

Outras evidências de identidade — pág. 48

Um possível engano contra — pág. 50

Conclusões gerais — pág. 51

Imortalidade pessoal e reconhecimento pessoal — pág. 52

APÊNDICE — pág. 55

I - O poder dos Espíritos em ter acesso a fontes de informação — pág. 56

II - Algumas fases da mediunidade influenciando na identificação dos Espíritos — pág. 64

III - Casos de Identificação de Espíritos — pág. 75

1. Homem atropelado por uma locomotiva — pág. 75

2. Abraham Florentine — pág. 77

3. Charlotte Buckworth — pág. 82

IV - Evidência de fotografia espiritual — pág. 84

V - Algumas dificuldades dos pesquisadores do Espiritualismo — pág. 87

VI - Identidade dos Espíritos - Evidência do Sr. Dr. S.T. Speer — pág. 99



**REV. WILLIAM STANTON MOSES (1839 – 1892)**  
**M.A. (OXON)**

William Stainton Moses versa, neste livro, sobre uma complicada faceta do Espiritualismo Experimental, a identificação dos espíritos comunicantes. Apesar de o livro ser datado dos fins do século XIX, ainda hoje a identificação é uma das maiores dificuldades encontradas no intercâmbio espiritual.

O Rev. Moses publica um pequeno relatório (O Operador Inteligente no Outro Lado da Linha, título retirado de uma palestra de William Crookes) que leu na Associação Nacional Britânica de Espiritualistas sobre o assunto e soma alguns casos pessoais e independentes publicados em periódicos ingleses e estadunidenses da época.

Enfoca os lados morais e religiosos da questão com a maestria que lhe era peculiar e conta também como foram sua iniciação e conversão ao mundo do Moderno Espiritualismo.

Os Tradutores



# PREFÁCIO

Este livro saiu de um relatório originalmente lido em um debate da Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, mantido nas salas desta, no número 38 da Great Russel Street, em Londres, na tarde de 16 de dezembro de 1878.

Neste relatório, eu apresentei certas evidências da identidade de espíritos que, de tempos em tempos, se comunicavam comigo e fundei uma convicção sobre elas.

Confinado em estreitos limites pelas exigências da ocasião, lidei com um aspecto do assunto apenas e meu tratamento dele foi corrido. Considero, entretanto, melhor publicar o relatório como foi originalmente feito, com alguns poucos fatos adicionais suprindo suas imperfeições e omissões, até certo ponto, em outras partes do livro, especialmente na introdução.

Também utilizo, advindo do *The Spiritualist*, certas matérias que influenciaram o assunto geral deste trabalho, além de adicionar outro apêndice de casos de identidade anteriormente publicados, a cujas alusões faço no curso do meu argumento.

Escrevendo, como faço agora, aos estudantes que penetraram no anel externo deste assunto, presumo certo amontoado de conhecimento nesta parte e certa aceitação dos princípios, os quais não para discutir.

E é justo dizer que deduzo dos meus fatos certos argumentos para a tendência religiosa do Espiritualismo, os quais meus leitores modificarão ou rejeitarão como aprouverem. Provavelmente, eles já possuem suas próprias noções religiosas, mas, pelo que sim, pelo que não, os fatos são independentes de qualquer teoria que se possa ser feitas com eles.

M.A. (OXON)  
Londres,  
Natal de 1878.

# INTRODUÇÃO

Este livro difere do meu anterior, PSICOGRAFIA, no seguinte aspecto: escrevo agora àqueles que estudaram e se familiarizaram com o fenômeno espiritual; lá, eu escrevi para um mundo inculto que não tinha conhecimento do assunto além do que se poderia obter em uma conversa casual ou em um parágrafo enganador de algum jornal.

Então, eu era cuidadoso em empregar certos termos reservados, em não afirmar uma teoria a ser aceita e refrear genericamente o uso de qualquer linguagem que poderia servir para aumentar o preconceito com que novas verdades são sempre vistas. Aqui, ao contrário, falo com a mente esotérica e proponho evidências da perpetuação da vida e da individualidade após a morte corporal. Estou deixando primeiramente os princípios e lidando com mistérios profundos. Ao fazer isso, devo admitir, pela parte daqueles que me lêem, uma considerável familiaridade com os fenômenos do Espiritualismo e com alguns exercícios prévios de elucubrações quanto à causa que lhes são subjacentes.

Falando a tais apenas, desejo nivelar o terreno por algumas considerações preliminares, necessárias devido a uma porção considerável de este trabalho ser devotada a um exclusivo argumento de um lado da questão - o retorno à Terra dos espíritos da humanidade falecida. Eu não tenho o desejo de estar comprometido com qualquer definição ou limitação da Inteligência trabalhadora mais do que eu desejaria ignorar o grande peso das evidências que mostram que em um enorme número de casos o Operador Inteligente não é a pessoa que pretende ser ou mesmo que seja muito desafortunado em sua tentativa de fazer-se crer em sua identidade.

Falando, como falo quase no limiar de um vasto inquérito, ainda em um que gastei alguns anos com raras oportunidades para formar uma opinião - falando, além do mais, das causas das coisas tão várias em si mesmas; nos métodos de suas apresentações, de forma protéica, em sua mutabilidade perpétua tão acachapante - falando, também, como um adverso às teorias, especialmente em um assunto tão frutífero de hipóteses fantasiosas, eu desejo

dizer tão pouco quanto possível. Porém, seria injusto deixar este opúsculo ir adiante sem algumas palavras sobre outros aspectos da questão diferentes daquele que dei proeminência em meu relatório "A INTELIGÊNCIA OPERADORA".

## **Dificuldades no modo de investigação**

Deve se admitir desde o início do argumento que muitas questões intrigantes são levantadas em cada passo da investigação. As experiências dos investigadores são várias: a atitude da opinião pública quase evita justa ventilação e discussão dos fatos; os fatos per si não são publicáveis em muitos casos; e temos de contar com um Operador Inteligente cujas opinião e ação são freqüentemente o reverso do que as nossas poderiam ser.

Os portões estão abertos, escancarados, e uma multidão heterogênea adentra - sabemos pouco, e muitos se importam menos ainda em saber, das condições adequadas de investigação e complicamos um assunto já intrigante com um desvario muito descuidado.

Esta é a linha de pensamento que eu desejo perseguir.

## **Resultados divergentes dos investigadores**

As experiências dos investigadores dos fenômenos ditos espirituais têm sido mais variadas do que daqueles que investigam outras matérias obscuras. Alguns tentaram por anos e não viram nada que os satisfizessem. Outros têm sido inundados com evidências que varrem as dúvidas com as torrentes da convicção. Alguns têm que domar um mundo de problemas para obter meios de investigação e, quando tudo é feito, são confrontados apenas com uma massa desconcertante de fenômenos ilusórios com os quais nada podem fazer, ou seja, são pouco mais que lixo e que certamente não são reduzíveis a uma lei. Outros cuidam deles com seus próprios meios de investigação e não ficam estáticos com medo de enganos, ao menos deste lado. Alguns trazem à inquirição uma calma e uma mente sempre equilibrada, livres de ceticismo dogmático e credulidade entusiástica. Outros engolem os mais portentosos fenômenos sem ao menos pensar nas conclusões a serem tiradas deles. E outros, de novo, nada vêem, nada ouvem, sabem nada e fecham os caminhos através dos quais o conhecimento por si só é apto de busca.

## **Hostilidade das opiniões reprime a publicidade dos fatos**

Não é de admirar, então, que, onde a experiência é tão variada, as opiniões sejam igualmente divergentes. Seria mais estranho se fosse de outra maneira. O investigador muito freqüentemente é compelido pela opinião geral a abordar

o estudo da matéria com uma mente anuviada com preconceitos. Se for um homem propriamente treinado e educado a entender as questões abstrusas envolvidas no estudo dos mais recônditos fenômenos da ciência psicológica, ele gastará a maior parte de seu tempo em uma atmosfera nem um pouco favorável à cândida consideração das questões envolvidas. As mesmas obras que ele terá lido serão o resultado do estudo da insanidade por aqueles que têm o maior interesse em apresentar uma visão unilateral da questão e que, é justo presumir, têm nenhuma outra visão presente em suas mentes. Na verdadeira ciência mental ele encontrará nenhum tratado que o iluminará. Dos mistérios do espírito e da ação espiritual, tem tudo para aprender na severa escola da experiência. Ele ouvirá o assunto inteiro ser desprezado, desdenhado e marcado por seus companheiros como impuros e será deixado sozinho por qualquer um que dê valor a uma reputação científica ou, até mesmo, social.

Impuro, guardem isso! Como se qualquer conhecimento pudesse ter a mísera possibilidade de ser impuro! Como se fosse mais impuro para um homem aprender a sondar sua própria mente do que estudar os órgãos de seu próprio corpo! Como se não fosse agir em obediência ao mais sábio de todos os avisos: “Conheça-te a ti mesmo”, ao sondar o fundo dos mistérios de sua própria alma e sua relação com a alma dos outros e com a Grande Alma do Universo!

Porém, isso será posto de lado com uma zombaria e uma significativa sugestão que tais idéias são fanáticas e quixotescas. Sua leitura o suprirá com exemplos tanto sociais quanto científicos, possivelmente também (pois tais coisas assim o são) de perseguição teológica de homens que se aventuraram a lidar com tópicos tabus ou a empurrar o carro do progresso quando uma ortodoxia fossilizada, seja em ciências, política ou religião, decidiu travar suas rodas.

Se sua mente estiver livre de viés, ele descobrirá incomum dificuldade em induzir qualquer um de seus amigos cientistas a tolerar a menção de um assunto que eles instintivamente reconhecem como inimigo de suas próprias pretensões de posse exclusiva do exato conhecimento. Apontá-lo-ão como um homem perigoso, como um que seja um pouco errático, e se um médico de loucos chegar perto dele, provavelmente trancafiá-lo-á em seu asilo antes que fique muito velho.

E, então, por graduação, se sua determinação sobreviver a essa oposição, ele se fechará em si mesmo e reservará o que descobriu para uso futuro ou para o

serviço de uma era posterior, quando os homens terão batido suas cabeças contra os duros fatos tão repetidamente que terão parado de vê-los como seus pais viam; quando a desprezada ilusão de seus dias se tornar a grande verdade das eras sucedâneas. Se ele falar a todos, será dos pontos elementares, os quais, embora igualmente desprezados pelos seus pais, a presente geração tem a contragosto aceitado e tratado de esconder ou não explicar.

Portanto, um resultado universal vem a acontecer. O ciclo inteiro da verdade nunca é publicamente apresentado: apenas fragmentos são como que forçados por aparentes acidentes ao público; aqui, um pouco e ali, menos ainda, como um Slade vindo a fazer um fenômeno especial matéria de notoriedade e um Lankester ajudar no trabalho com um pedido de julgamento pela lei.<sup>1</sup>

O corpo coerente de evidências dos fatos centrais do Espiritualismo tem a quase necessidade de sua causa não ser de propriedade pública.

### **Os resultados também são da natureza inerente dos fatos**

Além disso, a hostilidade da opinião, agindo do nada, acha na natureza dos fatos uma aliada para reprimir publicidade gratuita. Não falo agora de meros fenômenos físicos que dormitam na superfície e nada possuem além do método elusivo de sua apresentação a interferir com a publicidade. Não fica um homem cansado de repetir a seqüência de perguntas tolas que o mundo exterior tem tão largamente feitas: Por que não pode produzir esses fenômenos aqui, ali, agora, em qualquer tempo, em qualquer sala, em um teatro, com um médium, sem um médium, e tal e tal? Por que não posso eu produzi-los? Por que é um médium necessário? Por que uma corrente? Se ele não ficar cansado de ouvir e responder esses questionamentos insípidos, não há nenhuma razão para que a atenção não deva ser atraída para os fenômenos das batidas, ou mesmo a fatos demonstráveis como a psicografia, com muita persistência.

Porém, é diferente quando, através do adito desses fenômenos, ele penetrou dentro do véu das causas subjacentes, ou melhor, da inteligência que os governa. Ele descobre, então, nos casos que mais profundamente o impressiona, que está cara a cara com a evidência na qual descansa, acertada ou erradamente, o grande e de longo alcance clamor do Espiritualismo – a

---

<sup>1</sup> N. do T.: vide livro "Psicografia", do mesmo autor.

demonstração da perpetuidade da vida depois da morte e do intercâmbio entre o mundo da matéria e o mundo dos espíritos.

Às vezes, a evidência virá de uma fonte impessoal, de algum instrutor que passou de plano na qual a individualidade é demonstrável, mas vai, no entanto, impressioná-lo com a solenidade da sua missão. Mais freqüentemente virá de um amigo cuja afeição sobreviveu à grande mudança e que estenderá uma mão do outro lado para ajudar o inquiridor teimoso da verdade.

Em qualquer caso, a evidência será normalmente entesourada e não tornada propriedade pública. Experiência do que foi feito com a árvore verde não o predisporá a qualquer experimentos com a seca. Se as coisas terrestres - as pancadas e os barulhos que os sentidos podem distinguir - são ridicularizadas, o que se dirá das coisas celestes? E então são trancadas em seus recessos interiores e são produzidas, se forem, apenas em esboço e sob um forte sentimento de dever àquele que tem esse anseio da verdade, divinamente implantado e nutrido espiritualmente, o que torna imperativo dar-lhe tudo.

Pela natureza da evidência e da hostilidade do homem perante ela, a verdade é apenas feita pública parcialmente.

### **A inteligência operadora tem de ser considerada**

Há outra razão que dá muita incerteza nesta investigação especial. Não estamos lidando, como o astrônomo, por exemplo, com o que é fixo em si mesmo, com atos de acordo com leis que nos são mais ou menos claramente conhecidas e que há um corpo de fatos do qual se pode prosseguir com métodos de observação e experimento.

Se o astrônomo observa o planeta Marte, ele sabe para onde virar seu telescópio; tem uma base de dados acerca do planeta pronta em suas mãos, pode predizer sua posição, mudanças e variações com muita certeza em qualquer hora; pode corrigir erros em suas observações que foram causadas por condições atmosféricas; e, finalmente, se alguma coisa ocorrer que impeça sua observação, ou que faça o planeta invisível, ele pode dizer exatamente o que houve e o motivo de sua falha. Ele é o herdeiro do conhecimento de eras passadas e, para tal corpo de ciências, suas próprias observações juntam-se em ordem seqüencial, sem qualquer brecha de continuidade ou qualquer separação rude de conexão.

Isso é bem diferente do investigador que lida com a ciência espiritual em seus aspectos mais esotéricos. No início, tudo está mudando vaga e incertamente. Há pouco no passado que possa guiá-lo, pois os sábios da antiguidade escreveram para iniciados e eram pouco inclinados a dispersar suas pérolas de sabedoria. Se seus livros estão abertos a ele, perdeu-se a chave e sem ela são praticamente inúteis.

As observações de outros que são acessíveis ao público são aparentemente conduzidos sob uma variedade de condições cujos resultados são conflitantes na superfície e tendem mais a confundir do que edificar. As condições atmosféricas são tão variáveis e exercem tão poderosa influência que o investigador é dependente da ajuda de outros que formam seu círculo e cada um desses traz suas próprias condições de erro para a investigação - estas e outras causas, nenhuma delas tabuladas e marcadas por ele em seu rol de experiências prévias, tornam sua busca precoce de conhecimentos susceptíveis a variados graus de erro.

E, embora aumentar as experiências elimina muito dessas influências deletérias, embora se encontre capaz de dizer como e por que muitas delas ocorrem ou não ocorrem, embora possa ser capaz de comandar os resultados onde as agências inferiores somente estão preocupadas, ainda assim ele sempre se encontrará ao menos compelido a considerar o Operador Invisível ao final da linha. Não lida com um assunto imutável da investigação, uma substância inerte de constituição e propriedades dos quais são parcialmente conhecidos, mas sim com um Ente Inteligente que possui suas idéias, planos e projetos desconhecidos do investigador, que tem, além de tudo, seu modo de ver as coisas, que é muito diferente daquele que se obtém entre nós, e quem, se é um guia digno, não vai se desviar do propósito estabelecido anteriormente.

Se for afortunado o bastante para assegurar a cooperação de um espírito digno e suficientemente poderoso que aja com princípios de integridade, ele será confrontado por um novo problema. Se não for resguardado por tal guia, então descobrirá a investigação atolada de dificuldades e dependerá para suas provas de fontes igualmente precárias, de segundas mãos e insatisfatórias. Será tentado a abandonar a pesquisa e provavelmente o fará, a menos que alguma avenida inesperada se abra.

Porém, assumindo estar em relação com um espírito cujos poder, integridade e sabedoria ele se certifica, pois é seu dever sagrado de fazê-lo antes de confiar à sua guarda os interesses poderosos que estão em jogo e terá



de considerar que essa inteligência tem seus planos e métodos, com os quais ele mal pode interferir. Será forçado a decidir se permitirá à prova ser produzida pela vontade do espírito-guia, se consentirá em permanecer, para todos os intentos e propósitos, como o receptor passivo do que é concedido ou se ditará suas próprias condições, prescrevendo o que deseja ser feito, recusando o que não entende e então relacionar-se com alguma inteligência inferior que fará sua vontade. Deve-se estar bem asseverado que o fato de ser capaz de comandar e subjugar a inteligência que deveria guiá-lo e ensiná-lo é prova de que nada pode aprender de tão amável instrutor. Ele afastou o espírito que poderia elevá-lo e atraiu um a quem poderia comandar.

Este último curso tem sido tão freqüentemente adotado que eu o culpo pela desfiguração e corrupção de nosso Espiritualismo. Se o investigador for impelido - uso o termo deliberadamente - ao outro curso, se se satisfaz com a consciência moral da Inteligência Operadora e fica contente em aceitar o que lhe é apresentado com total liberdade para examinar e testar o que é colocado em evidência, porém, retraindo-se de ditar e interferir, tal curso é mais ou menos tranqüilo.

Ele descobrirá, decerto, que não tem poder de comandar o fenômeno, ou possivelmente mesmo de demonstrar sua existência a outros em ocasiões que mais deseja fazer. As condições variáveis de cada mudança na corrente será uma barreira absoluta à admissão freqüente de outros amigos e assim logo aprenderá que terá de escolher entre seguir suas próprias inclinações sem sucesso e obedecer aos ditames racionais da Inteligência Operadora, que sabe mais sobre as condições do que ele próprio.

Lembro-me de muitas ocasiões que os pedidos mais sinceros de permissão para mostrar certos fatos para os amigos, a quem eu teria sacrificado muito para convencer e aos quais seria um privilégio enorme associar-me na investigação, foram negados várias e várias vezes, sendo forçado, embora muito relutantemente, a aquiescer. Sem dúvida, cada pedido desse tipo seria mais prontamente concedido se fosse possível arranjar condições sob as quais investigações fossem conduzidas a fim de assegurar uma certeza razoável de sucesso. Sem dúvida, enquanto crescemos em sabedoria pelas falhas repetidas, cada vez menos necessário é acercar nossas correntes com tais adstringentes métodos de proibição. Portanto, com tantas causas do erro intervindo, a mais fecunda de todas - a combinação de novos elementos - deve ser evitada.

Se não fosse assim, deveríamos ser perpetuamente reduzidos à necessidade de voltar aos primeiros princípios e qualquer coisa, como o progresso, seria impossível, seríamos "aprendizes sempre e nunca chegaríamos ao conhecimento da verdade."

O investigador tendo ido tão longe, descobrirá, além disso, que está sendo gradualmente retirado do plano material da observação no qual a demonstração objetiva somente tem de estar. Tendo passado pela complicada fase na qual ele exigiu - mais que justamente exigidas - provas satisfatórias como uma prévia as investigação mais profundas, e tendo-as obtido, descobrirá um profundo desejo da parte do espírito em se elevar, para aprender acima do plano material. Se a Inteligência Operadora é aquela que tem poder de ensinar e guiar, ele descobrirá que os fenômenos físicos são tratados como "trabalhos de força", que formam a fundação material - o "ferro, cimento e concreto" do edifício da fé. Ele será levado, se possível, avante do plano da demonstração científica para as altas regiões da iluminação moral e espiritual, e será levado a buscar em mistérios profundos - *rerum cognoscere causas* (aprender as causas das coisas) - na medida em que ao saber que os fenômenos fugazes deste mundo dos sentidos são apenas os reflexos terrestres das realidades duradouras do mundo do espírito. Ser-lhe-á ensinado traçar a ligação entre a crueza das formas humanas de fé e as verdades eternas, dos quais apenas os mais vagos contornos são compreensíveis por sua mente finita, descobrirá que todos os caminhos vão além, ao fim da alta verdade religiosa, a uma alta concepção de dever e a uma visão mais perto de Deus.

Por tais métodos, seu eu interior será purificado, sua concepção de vida - não como uma matéria de setenta anos em média nesta Terra, mas como uma possessão imperecível e eterna, para ser utilizada e cultivada ou para ser desperdiçada e destruída - será enobrecida e elevada. Se for em algum sentido um homem verdadeiro, ele será moralmente e no mais alto sentido religioso melhor para o treinamento. Verá mais claramente suas obrigações, e então será um cidadão melhor e um homem mais verdadeiro em todas as suas relações sociais. Terá uma concepção mais clara de seus privilégios e estará pronto para reivindicar seu direito de nascença. E aprenderá que, quer queira, quer não, ele é o árbitro de seu próprio destino, que vive aos olhares penetrantes do mundo dos espíritos, e vai cada vez mais elevar-se acima da mesquinhez e maldades que desfiguram a nossa vida moderna e das concepções antropomórficas que formam nossa moderna teologia.

Muito mais além, descobrirá, enquanto caminha, que suas antigas noções de demonstrações e análises científicas literais se tornaram obsoletas e impossíveis. Verá que as verdades mais sutis do espírito - ou melhor, as maiores concepções da verdade espiritual - não se prestam a tais métodos e que ainda escapam dos limites rígidos da linguagem humana; descobrirá expressões ou prenúncios (se em tudo) na linguagem do simbolismo e alegoria. Mais comumente são intuitivamente percebidos e escapam absoluta e inteiramente dos métodos rudimentares da expressão humana.

E se penetrar fundo o bastante, descobrir-se-á a si mesmo em uma região da qual seu atual estado encarnado não lhe serve; uma região na qual sua própria individualidade se une e as maiores e mais sutis verdades não são fechadas dentro de uma urna, mas emanam das companhias representativas cujas esferas de vida são misturadas.

À vontade da Inteligência Operadora, nos melhores casos, é adicionada às causas anteriormente enumeradas, de modo a tornar difícil a livre disseminação da verdade.

Estas causas se combinam para fazer uma publicação repleta de casos, para aqueles mais aptos para julgar e provar a identificação espiritual, quase impossível.

Nada disse do lado sentimental do argumento; da impaciência com um número de investigadores que, por espera paciente, obtiveram seus resultados; da impaciência com tal razoável sentimento ao serem obrigados várias vezes a começar de novo com a repetida introdução de novos elementos em seu círculo. Nem toquei na forte impaciência daqueles que tiveram relações com seus amigos falecidos, e de quem vive, como em uma vida ressuscitada, naquela sagrada consciência de ser entrevistada por alguma pessoa pragmática, ou mesmo por algum investigador muito sério, porém, incompetente e ser forçado a produzir provas que torcem bem no íntimo de sua alma para a satisfação de um homem cujas convicções, pró ou contra, ele se importa extremamente pouco, exceto nos princípios abstratos de filantropia universal. É fácil dizer que "a quem é muito dado, muito será requerido!" Mas isso é muito, muito, e, via de regra, não é dado.

Muito menos toquei no extremo, a quase insuperável dificuldade de pôr em silogismos de fria lógica, ou mesmo em tais afirmações exatas como um crítico hostil reclama, evidências que freqüentemente apelam mais ao coração do que a mente, e que são melhores e mais seguras precisamente na proporção que

são redutíveis dentro desses limites duros e rápidos. Tais evidências devem apelar à outra classe de inquiridores e, talvez, a uma era sucedânea de inquirição, quando o trabalho pesado de preparação, de terraplanagem e adubagem de um solo não promissor houver sido feito pelos pioneiros que foram duros e persistentes o bastante para a tarefa.

Porém, passado das dificuldades inerentes da própria matéria, há outras causas que tendem a fazer difíceis as evidências públicas.

## **Os portões sendo escancarados, uma multidão heterogênea adentra**

O mundo do qual espíritos desencarnados retornam para nós é muito parecido com o nosso. Os habitantes dele são de vários graus de progresso e aqueles que, infortunadamente para nós, progrediram menos, são menos desenvolvidos, menos espirituosos e mais materiais e terrestres, gravitam em torno dos limites e desembestam a entrar quando os portões se escancaram.

Temos pouca razão para reclamar. É nossa própria opção perseguir o intercâmbio com o mundo dos espíritos; e certamente estamos fazendo o melhor para manter o suprimento de espíritos incultos e subdesenvolvidos que perpetuamente passam do nosso estado para aquele com o qual voluntariamente abrimos comunicações. É claro, colhemos o que plantamos, essa é uma lei eterna.

Nossos criminosos, por alguns dos quais somos responsáveis em vida e morte - pois damos as melhores condições para sua produção e maturidade e, quando estão cheios de iniquidade, consideravelmente facilitamos a partida deles de nosso convívio para o mundo espiritual - os nossos criminosos temos sempre conosco.

O morador de nossas ruas e becos, para os quais fazemos uma vida decente impossível; as vítimas de nossas luxúrias e deboches, a quem nossas condições de vida levam, como as pobres ovelhas que são, ao inevitável pecado e vergonha; esses bodes expiatórios da civilização adiantada (a civilização dos últimos dias do Império Romano), por aqueles que fizemos da vida espiritual uma coisa nem ao menos inteligível, e desagradável mesmo que fosse entendido, esses também temos, respondendo à primeira chamada, prontos para voltar ao único lugar com que se importam.

Eles que viveram a vida encarnada sem progresso; que acumularam seus tesouros aqui, e não tem outra casa em nenhum outro lugar; que estão atados a

Terra por qualquer laço que lhes agrilhoa o espírito; para quem os céus não tem significado e que encontram as maiores gratificações na terra que deveriam ter deixado para sempre; aqueles, em suma, a quem nós, por nossa civilização viciosa, por todos os métodos pelos quais as riquezas e o poder prendem e degradam aqueles que são os ministros de suas cobiças, desejos e necessidades materiais; aqueles a quem reduzimos ao nível de meras máquinas físicas e tiramos o precioso direito de nascença do progresso espiritual e verdadeira vida; esses encontram os portões abertos e nos aborrecem.

Às vezes, pergunto onde aqueles que acreditam que o homem tem uma alma e um futuro acham que ele vai quando perdem contato com ele. Se eles me propõem a noção de que a alma está em algum estado purgatorial, ou alguma antecâmara de expiação, esperando a reunião com o corpo que o fim dos tempos irá miraculosamente recombinar, não tenho nada a dizer. Não temos campos em comum no qual poderíamos nos encontrar. Preocupo-me com aqueles que aceitam e entendem o racional esquema do progresso que espera a alma perto de se soltar da prisão da carne. Entre esses são muitos que estão angustiados pelos caprichos dos espíritos que com eles se comunicam e que, perplexos e espantados, são inclinados a se referir a toda a questão polêmica à ação diabólica.

Gostaria de dizer a tais, por que trazem ao argumento um novo elemento de distúrbio? Se há um Diabo, como postulam, mas não podem provar ou, ao menos, dar uma justa evidência, posso entender o mistério todo do mal; e eu deveria, se acreditasse, estar muito ansioso pelo meu futuro, não sabendo que brincadeiras tal demônio onipotente não optaria por fazer com uma pessoa que habitualmente se mete com o seu domínio espiritual. Se eu não acreditasse, como não acredito, já que esse demônio muito humano é tanto criação de Milton e Dante quanto dos conceitos antigos do Pentateuco, eu encontrá-lo-ia como o apropriado príncipe de muitos demônios encarnados que temos desenvolvido com sucesso nesta Terra, uma causa presente de muitos problemas.

Contudo, não há bastante loucura, malandragem, iniquidade, vício e pecado encarnados, os produtos de nossa própria civilização, o resultado de nossa sociedade, mesmo a conseqüência do que nos preza chamar de nossa religião, perpetuamente indo ao mundo dos espíritos para responder tudo o que vemos e deploramos?

Concordamos que o homem sobrevive à morte física. Concordamos que ele é um ser responsável, que terá de prestar contas dos atos praticados na carne. Ele deverá, aliás, ser o mesmo homem em espírito do que era encarnado, ou onde está a possibilidade do julgamento?

Bem, o que era ele? E o que as Sagradas Escrituras dizem? "Quem é injusto, faça injustiça ainda: e quem está sujo, suje-se ainda." (Apocalipse 22:11) Ao manter este argumento, a conclusão é inevitável. Temos elementos sendo soltos desse nosso mundo todos os dias, dotados também com perpétua vida e energia, suficiente para tornar não apenas provável, mas certo que, uma vez estabelecido comunicação com o estado desencarnado, eles retornarão para nos aborrecer e nos obsedar como sabemos que fazem.

Estamos cara a cara mais uma vez com o trabalho da inevitável lei. "Assim como semeia, assim também colheremos." Estamos a semear vento com muita energia diariamente, e colheremos tempestade no tempo devido.

Isso em si mesmo é uma causa grave de complicação, e é agravada por nossa própria loucura e negligência das precauções razoáveis nas investigações.

### **Negligência das condições na investigação**

A maioria das instalações para investigação que um investigador comum encontra à sua disposição é do tipo que parece ter sido construído com o propósito de desconcertar aquele que possui esse misterioso poder psíquico; e alguns, temo, que apenas fingem sua posse, anunciando que, por uma pequena remuneração, colocarão o público em relação com o mundo dos espíritos. Só isso já é, eu deveria esperar, um estado transitório de coisas. Longe de mim proferir uma palavra que poderia parecer desmerecer o trabalho feito pelos médiuns públicos. Tenho consciência que não possuem a estima que deveriam possuir, talvez devido tanto a descrédito que foi lançado por aqueles que fraudaram, quanto outras causas quaisquer. Quando lhes é tirado tal peso, como tenho visto, com um senso de responsabilidade e um desejo honesto de trazer ao investigador toda prova quanto possível, muito bem é efetivado.

Porém, muitas vezes é isto que ocorre: um número de pessoas reunidas, a maioria densamente ignorante das condições a serem observadas, algumas animadas por mera curiosidade, umas poucas por um estúpido desejo de ver o que pode ser obtido através da única fonte aberta a eles como prova da vida futura; todos, em nove casos de dez, não servem, por uma ou mais causas, para

o solene trabalho que empreenderam. O liame entre os dois mundos, a linha que a Inteligência Operadora deveria usar, se quebra extenuada, em quaisquer condições menos a satisfatória. Como poderia ser diferente? Qualquer um que pode poupar cinco tostões corre até ele para uma prova da imortalidade! O fardo é maior do que pode carregar; e se ele for um modelo de integridade, um armazém de poder psíquico, se torna angustiado e discriminado. Seus nervos estão esmigalhados, está aberto ao assalto de todos os espíritos maliciosos e enganadores que sua vocação traz ao seu contato e, como consequência, fica em grave perigo - através da nossa ignorância e insensatez, tanto quanto através do perigo sempre presente da sua vocação - de deterioração moral, mental ou física. Então advêm as necessárias seqüelas: tentação, obsessão, fraude, idiotia e tudo o que nós tão lamentamos como associado ao fenômeno espiritista.

Estas são as circunstâncias sob as quais uma larga proporção daqueles que desejam juntar evidências respeitando o intercâmbio entre os dois mundos são forçados a passar. Surpreende-me com os resultados. Conheço muitos casos nos quais provas inequívocas, sob essas condições faltosas, foram acolhidas pelo inquiridor. Repito que me surpreende que nenhuma evidência deve valer a pena contar quando produzida em tais condições, e eu não me admiro que, como uma regra, a evidência é falsa e que as condições feitas e perpetuadas por nós resulta em descrédito e, até mesmo, vergonha.

Assim dizendo, tenho em mente muitos escândalos que trouxeram vergonha à causa que eu advogo; e não estou muito inclinado a culpar os perpetradores do engodo, embora eles devam carregar seus fardos de direito, enquanto eu sou a loucura e a estupidez que faz tais escândalos possíveis.

E mesmo nas correntes onde melhores condições são esperadas, achamos graves negligências nas precauções que a experiência mostra serem indispensáveis.

Sabemos que fora de nossos corpos, em alguma maneira misteriosa, por alguma química por nós desconhecida, são dados os meios pelos quais os trabalhadores invisíveis operam. Ainda assim poucos consideram que estão obrigados a preparar a si mesmos de qualquer modo para a parte que terão de atuar. Um jantar abundante e um suprimento de estimulantes são considerados uma preparação razoável para "uma hora de comunhão com os mortos". E então reclamam porque eles não recebem os seus "mortos" de qualidade tão alta quanto desejariam! Ou, pior, dão boas-vindas a qualquer

coisa com hilariante alegria, e abraçam os "espíritos queridos" como se fossem Anjos da Luz!

Um quadro melancólico, muitas vezes desenhado por aqueles que lançariam um sorriso barato em cima de nós. Deixem que uma vez seja pintado por alguém que deseja apenas mostrar sua moral.

Este não é modo de investigar o Espiritualismo; nem é a Inteligência Operadora culpada pelos resultados que nossa própria loucura produz.

Estes, os resultados - ai de mim! os únicos resultados que o público em geral conhece como Espiritualismo são, pelo senso comum, indesejáveis. Se a abertura de comunicação entre os dois mundos resulta necessariamente nisto, por todos os motivos, deixe-nos fechar os portões de uma vez. Que não perfaz isso resultado da necessidade, espero mostrar; e eu creio que os esforços que agora são feitos e a generalização do conhecimento da matéria, resultarão em tirar de uma vez por todas esse entrave da investigação e abrir melhores avenidas para o intercâmbio entre nós outros e o mundo dos espíritos.

Ponho isto, então, ao cândido leitor, se é uma causa para a surpresa razoável que, tendo em contas àqueles espíritos, os moradores do limiar que nos aborrecem e assombram, e aqueles no nosso lado que são melhores conhecidos do público como expoentes do Espiritualismo experimental, haveria um acordo insensato e demência correndo em seu nome? Alguma evidência precisa e clara é para ser esperada sob tais condições? Algum intercâmbio será travado com algum espírito que possa elevar e enobrecer o homem? Alguma prova envolvendo método exato e ordenado? Nada, em suma, salvo os benefícios questionáveis de provar que os vícios e loucuras do homem sobrevivem à sua morte e que há nenhum monopólio dessas qualidades nesta Terra?

Deixem-nos expurgar de nosso lado esses bolores que definham nossas comunicações com o mundo dos espíritos antes que carreguemos essas manifestações com o Diabo, ou associar-las-emos com caprichos dos elementares sem alma e irresponsáveis.

### **Outros agentes além dos falecidos**

Aqui espero poder ser escusado se colocar umas poucas palavras de explicação pessoal, as quais por mim são demandadas se eu puder tornar clara



a posição que ocupo - um trabalho, como se apetece para mim, uma incumbência para cada um que se presume endereçar-se ao público.

Não é de mim negar que há trabalhando no Espiritualismo agentes outros dos que os falecidos de nossa espécie. Se eu insisto na ação desses espíritos humanos, é porque acho que vejo necessidade de assim proceder em ordem de preservar o equilíbrio da verdade, não porque eu tenho alguma intenção de ignorar a ação dos espíritos abaixo do plano da humanidade, ou de minimizar os poderes indubitáveis da ação transcorporal do espírito humano encarnado.

Talvez me seja permitido dizer que em um tempo quando eu considere oportuno eu fiz o que estava ao meu alcance para chamar a atenção dos investigadores a ambos os pontos, então quase inteiramente intocados pelos espiritistas ingleses. Pareceu-me que nossas linhas de investigação eram muito limitadas, nossas visões não suficientemente abertas em nossa moderna autocomplacência estavam virando nossas costas a esses problemas perturbadores que o passado já tinha jogado luzes, era tempo de apontar o que o mundo dos espíritos é capaz e que havia lugar para algo mais do que a inteira família do homem.

A ação de espíritos subumanos, e a parte que a eles cumpre no Espiritualismo, hábil e entusiasticamente estabelecidos pelos estudantes da literatura ocultista do Leste, popularizada na América pela Madame H. P. Blavatsky em sua grande obra *Ísis Sem Véu*, e desde então advogada na Inglaterra por um pequeno grupo de escritores, menos capazes e enérgicos, que não precisam de outra ajuda para assegurar-lhe o esquecimento ou negligência. Não perdi de vista este lado da questão, mesmo quando eu me aventurei a corrigir a balança ao dar atenção proeminente ao que assegurei ser um elemento infinitamente mais importante - a ação de espíritos humanos falecidos. Devo-me desculpar por introduzir uma palavra sobre tão insignificante matéria como minha opinião, contudo, não tenho desejo de ser creditado com qualquer mudança de opinião que não tomou lugar ou que parece ser tendencioso em meu ponto de vista. Espero ter dissipado essa suposição sem cair em alguma acusação de egoísmo.

Eu trouxe a baila uma pequena porção da evidência que eu coletara do retorno dos falecidos por uma simples razão. É esta: por um tempo havia parecido para mim estar rastejando sobre uma proeminente seção do Espiritualismo, a mais capaz, a melhor informada, e mais ativa para informar aos outros, uma inclinação para o que em doutorado chamaria de

"especialização", igual aos especialistas que lidam com o coração referem todos os sintomas de doença de seus pacientes a alguma falha naquele órgão, enquanto seu vizinho que lida com os pulmões encontra neles a raiz de todo mal que vêm sob seu entendimento, então esses especialistas parecem inclinados a referir tudo que ocorre em nossas experiências do domínio do espírito a qualquer causa exceto aquela que é a maior de todas - a ação de espíritos humanos falecidos. Isso, o mais potente fator, pareceu-me ser relegado ao mais baixo dos lugares, como, por exemplo, está em *Ísis Sem Véu*, e ser praticamente ignorado, embora teórica e hipoteticamente admitida como um elemento possível e latente, por um corpo influente e ativo, a maioria dos quais se chamam a si mesmos, e pelo mundo exterior, como espiritistas.

Meu próprio ponto de vista era diferente, e eu pensei bem em estabelecer isso. Em uma prolongada experiência - o tamanho da qual não é mensurado pelo tempo tão propriamente quanto pela rapidez com o qual os eventos se amontoaram uns sobre os outros, como naquele dia e noite que foram preenchidos com eles; em uma experiência ao menos tão longa e tão diversificada como a maioria daquelas que chegam a outras conclusões, eu descobri provas abundantes de ação de espíritos humanos e comparativamente poucas de espíritos subumanos. Sei que espíritos não são confinados na humanidade e que existem espíritos em um plano inferior ao que vivemos, contudo, creio que rara e ligeiramente chocam-se conosco e pessoalmente sei muito pouco de tal operação.

O poder da vontade humana é enorme - da vontade treinada e desenvolvida que tem recuperado pela longa prática o seu poder perdido ao nascer - creio ser tal potência de magnitude desconhecida. Porém, o exercício da vontade é pouco conhecido entre as nações ocidentais; e, como um fator na produção desse fenômeno, creio isso ser de muito menor valor.

Sei, também, que o espírito liberto do psíquico tem poderes que os espiritistas, como um corpo, estão bem familiarizados. Tenho arrolado considerável conhecimento com essa ação transcorporal do espírito, tanto comigo quanto com outros. Possuo graves razões para formar a opinião que, em nosso presente estado de ignorância, é um experimento extremamente perigoso; um, também, que é muito raramente praticado com sucesso, na medida em que como dons naturais devem ser suplantados pelo poder de concentração da vontade muito raramente atingido por qualquer povo ocidental. Não creio que isso entra em um fator indistinguível na produção

desses fenômenos. Os poucos casos que são atribuídos a isso são bem marcados e prontamente identificáveis.

Professo uma vez mais minha crença na qual esses assuntos - a ação de espíritos inferiores, a ação transcorporal de espíritos humanos encarnados e a potência da vontade humana - valem os nossos mais profundos estudos. Até termos resolvido alguns, ao menos, dos mistérios que os cercam, não devemos nós penetrar fundo em nossos estudos do fenômeno chamado espiritual. Nenhum ponto de vista tendencioso abraçará o campo do Espiritualismo e nenhum aluno da matéria poderá se dar ao luxo de ignorar as causas que são tão influentes na produção de fenômenos anormais como esses.

Eu, ao menos, gostaria de saber mais dos poderes inerentes de meu próprio espírito e o resultado que pode ser produzido pelo seu desenvolvimento. Aí, tenho a convicção que jaz a chave para muitos dos mistérios e nenhum momento que possa ser gasto em tal auto-análise tenho como perdido.

Porém, estaria fazendo o que prontamente culpo nos outros, seria parcial e cego, sendo negligente em notar o que está perante mim, aquilo que foi infinitamente o mais proeminente fator do fenômeno espiritual que eu já observei - a ação dos espíritos de falecidos.

Por isso, entre outras razões, eu escrevi e agora publico, com adições e apêndices, o relatório que leva o título de "A INTELIGÊNCIA OPERADORA".

### **Aspectos religiosos da questão**

Outra razão me influenciou. Pareceu-me que alguns de nós estivemos tanto tempo ocupados com a casca e carapaça do Espiritualismo que perdemos de vista a verdade interna.

Agora, este é o último grau de importância em que os fenômenos do Espiritualismo deva ser colocado, sob uma base de demonstração científica e nenhuma dor é grande demais para se gastar em um objeto tão desejável. Para esse fim é especialmente desejável que qualquer um que possua poderes psíquicos seja encorajado a devotá-los intencionalmente e por exercício da vontade para elaborar um particular experimento, para se elevar superior as condições, na medida em que possa ser. Temos todas as razões para crer que o mais simples fenômeno objetivo pode ser então trazido sob controle. A grande dificuldade é de tempo e paciência e, desafortunadamente, durante o tempo gasto em sua preparação, os poderes que enchem o médium com sua

substância são improdutivos; e poucos indivíduos em particular, que nada têm a ganhar, podem ser esperados a dar tempo e suor para tal fim.

O primeiro passo em direção do resultado ainda está para ser dado; e esse é o de garantir alguém que possui o poder, removê-lo da necessidade de exercer os seus dons para o ganho material, isolá-lo de influências externas, dá-lhe oportunidades de cultivar dons que são inatos e de supri-lo pelo poder de sua treinada vontade.

O primeiro passo em direção ao resgate do que o mundo exterior conhece como Espiritualismo do charlatanismo e enganação, e colocá-lo na base onde resultados cientificamente acurados podem ser esperados, será dado quando tais métodos forem adotados. Isso permanece, de todo modo, a ser feito.

Mas há outros lados da matéria que não são tocados por qualquer método como aqueles. Um deles eu apontei no relatório que forma o miolo deste opúsculo - o aspecto religioso da questão.

Desde que eu me tornei intimamente familiarizado com a matéria, fiquei profundamente impressionado com algumas sérias considerações a respeito.

Uma é que há um plano organizado da parte dos espíritos que governam essas manifestações - do qual tudo que pudemos obter foi uma visão fragmentada - a agir em nós e no pensamento religiosa desta era. Nisto eu presumo que os métodos empregados são análogos àqueles que foram usados em outras épocas de transição.

Outra é que tão logo saímos do ambiente externo do assunto - uma saída que algumas pessoas, de todo modo, ainda não fizeram - somos levados de algum jeito à relação com este plano ou alguma fase dele.

Uma terceira é que há um impulso e saudade em certas pessoas que são levadas à relação com o mundo dos espíritos, que os capacita a receber e assimilar o que a outros não possui a beleza que desejariam ter. Gravei em algures minha própria experiência, e a verdade é que todas as eras novas foram introduzidas por tais métodos. Eles têm se articulado um no outro e havia a necessidade de pioneiros, freqüentemente homens avançados para suas eras, que levantaram a bandeira e entregaram-na para aqueles que vieram depois deles.

E, finalmente, vejo nesta organizada influência de espíritos sobre aqueles que têm a preparação interna precisamente o que eu posso traçar em outras épocas da História mundial, quando, como agora, velhas verdades perderam suas energias, quando requeriam um restabelecimento, e quando os

pensadores progressistas, que sempre carregaram o peso do descrédito ao introduzirem novas verdades, recebiam as sementes em solo mental preparado antecipadamente para a germinação.

Ele é tudo, menos um estudante cego da história do desenvolvimento da verdade religiosa que não vê isso. Todas as verdades, isto é, todos os conceitos humanos da verdade essencial, passaram por fases tais como as àquelas que o corpo humano, por exemplo, sofre. Crescimento, vigor, decadência, morte, recombinação e reconstrução - esses são os estágios da mudança progressiva. E o processo é similar acerca do desenvolvimento da verdade em todos os casos.

A verdade, que tem bastado aos desejos de uma época e que no decorrer do tempo recebeu lustros, explicações e comentários que obscureceram sua simplicidade original, houve prejudicada sua adaptabilidade ao uso diário e sobrecarregada com uma massa de falácias. Essa verdade adulterada não basta por mais tempo às necessidades ou satisfaz os desejos de uma era sucedânea. Os tempos mudaram. O homem progrediu. Pioneiros de uma nova época têm prefigurado suas idéias, as mensagens com as quais estão carregados. Críticas destrutivas lidaram com as velhas verdades, e, embora incapazes de tocá-las enquanto assertivas fragmentárias da verdade eterna, têm encontrado muitos lugares fracos em glosas e adições humanas.

E então "a velha ordem mudou, dando lugar a nova." A moda governa no reino do pensamento como em todo lugar; e aos poucos uma nova visão da velha verdade é apresentada, uma nova combinação é efetivada, a verdade é apresentada em uma aparência mais aceitável, e, talvez, em mais justas proporções àqueles cujas naturezas íntimas almejam a iluminação.

Esse processo, agindo através da poderosa cadeia de seqüência do Supremo Inspirador e Criador, Cujos olhos observa todo o Seu trabalho, pelos Seus vários agentes intermediários, por quem Ele alcança os mundos mais baixos e desde aqueles de nós que na Terra estão preparados para receber, assimilar e estadar a verdade até o mais humilde destinatário que pede e recebe o alimento espiritual - esse processo é especialmente exemplificado em todas as grandes crises da História, tal qual esta no meio em que vivemos.

É apenas à luz de tais explicações como estas que a história do progresso mundial pode ser compreendida. A história tem sido a mesma em todas as grandes épocas. Foi assim quando o Cristo veio na manjedoura em uma era de escuridão no mais luminoso raio de luz que jamais noticiamos. Aqueles que

deveriam estar prontos para receber e dar boas-vindas à nova verdade, cujos ofícios apontavam-nos como recipientes naturais e quem, pelas virtudes de tais ofícios estavam destinados a ser seus pais adotivos, adiantaram-se em sufocar a sua voz e crucificaram seu Arauto.

Nunca, talvez, tenha sido de outro jeito. Aqueles que por suas posições deveriam ser proeminentes no trabalho cada vez mais premente no trabalho cheio de pressão das reformas em qualquer departamento da vida humana, são os últimos a dar boas-vindas ao que, quase por uma necessidade, cresce fora de seus controles e vêm a eles com nenhuma sanção da ortodoxia. É fora da casta sacerdotal, além das pálidas sucessões pré-concebidas, que a voz que chora na selvageria é primeiramente ouvida. E são apenas eles quem sentem a necessidade, que tem o desejo íntimo, "o coração preparado", que pegam seus primeiros cheiros. Enquanto a nova verdade é popularizada, quando é assimilada ao tom dominante de pensamento e acomoda-se às necessidades do homem, porquanto nunca é de primeira, então a mensagem se espalha, e a obtusidade é sucedida pelo que é muito mais difícil de suportar – a prosperidade.

Não se requer muito discernimento para ver que estamos no começo de uma dessas grandes épocas. Uma era está se findando e uma nova começando, na qual novas visões da verdade prevalecerão e muitas das velhas mentiras expirarão. Paz às suas cinzas! Nós temos tanto que podemos muito bem espalhar um pouco. Aqueles que nos sucederão verão as fases do conflito enquanto nós que estamos no meio não podemos. A luta será prolongada, pois toda nova verdade nasce em angústia e sofrimento, e é posta no mundo em meio a cenas de contestação e lutas de forças opostas. Quando acabar, o mundo acordará para se descobrir o possuidor de uma nova herança.

Um dos métodos anteriores desta apresentação da nova verdade, creio, descobrimos nos intrincados e bizarros movimentos conhecidos como Espiritualismo Moderno<sup>2</sup>, tão repulsivo em alguns de seus aspectos, tão enobrecedor em outros, tão glorioso em forma, tão estragado pela ignorância e perversidade do homem, tão preche com possibilidades de bênçãos se a vontade do homem usasse os meios apresentados a ele; tão certo de falir, como muitos outros planos para seu benefício faliram antes, se ele endurecer seu

---

<sup>2</sup> N. do T.: ou *Modern Spiritualism*, como é chamado o Espiritualismo nos países anglo-saxões.

coração e virar o rosto para o benefício ou, como aparenta apenas muito provavelmente, zombar e espezinhá-lo sob seus pés.

Esses sentimentos me influenciaram a fazer o que posso para chamar atenção ao mais alto e mais estritamente aspecto religioso do Espiritualismo. O que eu disse é nada além de uma pista do que eu sinto ser o resultado projetado do assunto, se tiver curso livre. Provavelmente passará por muitas fases antes de finalmente ter sucesso ou falir em sua missão.

Porém, entretantes, ele está agindo como um fermento muito salutar sobre a massa total do pensamento contemporâneo, influenciando até mesmo aqueles que são mais inconscientes de seu poder e que mais desdenhosamente rejeitariam as suas alegações abertamente, embora não possam resistir a sua silenciosa influência. É oposição liberalizante em muitas direções incríveis, torna os homens corajosos, mais autoconfiantes, mais viris, ensinando-lhes a ousar a exercitar a nobreza de seus privilégios hereditários, o direito de nascença os quais ninguém pode vender e não cair em pecado - o direito de pensar por si mesmo. Os raios de sol do espírito estão quebrando as barreiras congeladas que predominam no clima ártico do pensamento, seja em política, religião ou vida social; fazendo possível respirar naquelas regiões hiperbóreas e esperar que não seja sempre noite lá. E é derramando em muitas almas receptivas luzes que são a pura "aurora do Alto", o arauto e precursor da luz mais clara que virá.

Que modificação sua forma externa poderá tomar não me aventurarei a predizer. É suficiente que, por bem ou por mal, haja trabalhando em nosso meio uma poderosa influência, a qual é papel do homem sábio reconhecer e, se possível, controlar.

# "A INTELIGÊNCIA OPERADORA NO OUTRO LADO DA LINHA"

Em geral, todo homem, em virtude dos princípios que o constituem (espírito e matéria), possui em potencialidade, todas as faculdades psíquicas, é preciso também admitir que certas pessoas parecem ser melhor dotadas que outras, não que Deus as tenham arbitrariamente designadas com esse efeito, mas porque seu estado fisiológico lhes permite uma exteriorização maior do princípio espiritual, exteriorização criando em proporção aspirações superiores do indivíduo.

*(Um relatório lido perante a Associação Nacional Britânica de Espiritualistas, na segunda-feira, 16 de Dezembro de 1878)*

Foi Sr. Crookes que então descreveu a Inteligência que está na raiz do "fenômeno dito espiritual." Indesejoso de comprometer-se a qualquer definição, ele, com uma verdadeira precaução científica, empregou uma metáfora de telegrafia e usou termos estritamente sem comprometimento.

Eu me aventuro a empregar a frase como título deste relatório, por que admiravelmente dá a posição onde eu começarei a considerar a questão da Identidade dos Espíritos.



## Escopo das perguntas

Meu trabalho é simples, se não, fácil. Eu não usarei qualquer argumento para provar a existência da alma. O eminente "espiritista sem os espíritos" (como o Capitão Burton se autodescreve), que me precedeu neste palanque, foi, a respeito da alma, agnóstico. Ele não interferiria, de certo, com outras almas, nem iria tão longe para "infirmar que espíritos não existem", porém, para si mesmo, "tendo vivido por alguns anos sem o que é popularmente chamado de alma", ou, como eu prefiro dizer, sem ser cômico de tal posse, ele propõe continuar sem alma até o fim, o que, tendo em conta a atribuída idade do homem, é mais ou menos iminente. Então eu duvido que ele não achará sua alma, e viverá, creio, a mesma individualidade vigorosa e enérgica que ele agora é.<sup>3</sup>

Bem, eu, por minha conta, "infirmo que espíritos existem." E eu assumo, além do mais, que a maioria de nós é muito confortável quanto à existência de nossas almas, tudo o que pode ser quanto às suas condições. Não debatarei a questão a qual é fundamental a nossa própria existência como corpo de espiritistas.

Além disso, devo reafirmar, sem debater, outra proposição na qual todos nós concordamos - que existe uma força convenientemente chamada PSÍQUICA, e (desculpe-me, Capitão Burton) não convenientemente chamada ZOOELETRICIDADE<sup>4</sup>, na medida que os experimentos dos cientistas, enquanto provam nada a respeito de sua natureza, mostram que a eletricidade é quase o pior termo a se aplicar à força em questão. Ainda menos convenientemente é a ação dessa força descrita como MAGNETISMO<sup>5</sup>, uma palavra já apropriada a outro sentido.

E, ainda mais uma vez, assumo que temos evidências que essa força é governada por uma Inteligência a qual, em muitos casos demonstráveis, alguns dos quais eu citarei, não é de nenhuma pessoa presente na hora do experimento citado.

---

<sup>3</sup> "Pessoalmente, eu ignoro a existência de alma e espírito, sentindo nenhuma necessidade de um ego dentro de um ego, um Eu dentro de um Eu. Se é questão de palavras, e meu ego, ou sujeito, como oposto ao não-ego, ou objeto, ou minha individualidade, o concurso de condições que me diferenciam dos outros, se chama de alma, então eu tenho uma alma, mas não uma alma própria. Por alguns anos, de todo modo, eu tenho vivido sem o que é popularmente chamado de alma; e seria difícil encontrar uma (alma) empurrada violentamente em um corpo relutante." Capitão Burton perante a A.N.B.E.

<sup>4</sup> Capitão Burton perante a A.N.B.E.

<sup>5</sup> Capitão Burton perante a A.N.B.E.

## **A natureza da inteligência**

De que natureza é a Inteligência? Esta é a devida questão a qual eu tentarei sugerir materiais para uma resposta. Uma resposta completa envolveria afirmações completas de várias teorias que se elegeriam a várias especulações.

Eu precisaria dar razões a pôr de lado aquela estranha teoria que a força por si só é responsável por tudo, ao invés de ser a Inteligência Operadora meramente o correlativo da força elétrica, que capacita o balconista telegráfico a transmitir sua mensagem.

Eu teria de discorrer a teoria do diabo e, até mesmo, investigar a origem e o caráter de Satã.

Elementos e elementais clamariam uma audição, e eu necessitaria investigar a exata extensão do como eles são responsáveis por alguns dos caprichos com as quais a Inteligência Operadora indubitavelmente nos pasma.

Seria forçado a ir nesse campo desconcertante de investigação que jaz perto de casa, e perguntar o quão longe o espírito liberado do psíquico, agindo inconscientemente de si mesmo, pode dar conhecimentos que em momentos normais é profundamente incôncio de possuir.

Tudo isso eu manifestadamente não posso fazer agora. Devo tratar a força psíquica como um mero instrumento como ela o é. Devo ignorar o demônio e todo seu trabalho daqui para frente. Devo deixar intocada a questão da ação de espíritos subumanos, das ações desses espíritos que ainda estão encarnados nesta Terra e devo claramente estabelecer-me, nesta ocasião, à estreita questão que imediatamente se encontra diante de mim.

## **O que é a inteligência?**

É óbvio notar para se começar que, com algumas poucas exceções confirmadoras da regra, diz ser humana. A Inteligência Operadora é um membro, de acordo com seu próprio relato, da grande família humana, da qual a maioria passou para o mundo espiritual, de onde eles - ainda os mesmos homens, com os mesmos interesses e afeições, com uma inquebrantável continuidade da existência individual - comunicam-se conosco, a minoria que está passando pela fase da encarnação, uma vez que surgiu a partir da prisão do corpo.

Que campo há para declinar a aceitação desta afirmação genérica como verdade? Várias circunstâncias suspeitas combinam-se para jogar dúvidas sobre casos particulares.

### **Presunção de grandes nomes**

O livre uso feito de grandes e honoráveis nomes entre os homens é um dos mais suspeitos; especialmente quando descobrimos, como é freqüentemente o caso, que são feitos patrocinadores de insensatez pretenciosa, chavões bombásticos ou egrégias bobagens, ainda mais então quando os dizeres propostos quebram-se no mais simples exame. Tais assertivas sem base semeiam um espírito de suspeição que é capaz de generalizar a partir de exemplos únicos e alegar impostura universal. Esta é a corrida para outro extremo. É necessário, contudo, atingir qualquer observador racional que esta prevalência de analfabetos Shakespeares e abestados Swedenborgs, de nomes científicos que o mundo guarda na mais alta estima, que retornam apenas para demonstrar suas presentes ignorâncias dos princípios basilares daquela ciência que uma vez iluminaram e adornaram na Terra, é evidência presuntiva forte que a Inteligência Operadora não é, em todos os casos, a pessoa que alega ser.

Para que estamos atribuindo isso? Será a ausência de conhecimento científico da parte do psíquico, e do fato que sua ignorância é a medida do conhecimento que pode ser transmitido através dele? Aquilo em qualquer medida, não é sempre o caso <sup>6</sup>. Serão as condições misteriosas que afligem o espírito que procura reatar relações com nosso mundo, e causa erros não-intencionais em matérias de suas comunicações? Ou será que existem no mundo dos espíritos como com a gente, aqueles que se deleitam em se pavonear com plumas alheias e em se passar por algo grande e bom, mas com o material sendo digno de pena, afinal? Pode espíritos, sendo, como sabemos, capazes de obter acesso a fontes de informações humanas<sup>7</sup>, pegarem os fatos e travesti-las como conseguem se lembrar, reconhecendo, não sem alguma mostra de razão, na credulidade de quem aceitará qualquer história plausível, ou nos poderes de perscrutar mentalmente o investigador, ou então misturar fantasias, fraudes e fatos para confundir e apalermar?

---

<sup>6</sup> Ver uma narrativa incrível pelo Sr. Barkas no "*Psychological Review*" de outubro de 1878.

<sup>7</sup> ver Apêndice I

Existem algumas idéias que devem ter ocorrido à maioria de nós. Para qualquer causa que possa ser atribuída, a manifestamente infundada suposição de grandes nomes vai muito longe para lançar o ridículo e suspeita sobre as reivindicações da Inteligência Operadora em certos casos.

### **Ausências de informações precisas**

Outro caso de dúvida é a extrema dificuldade que é usualmente encontrada na obtenção de quaisquer fatos precisamente determinados, especialmente os fatos que são certamente externos ao conhecimento dos assistentes. Há uma sombra geral sobre as mensagens, onde não há erro positivo nas afirmações feitas, e é extremamente difícil obter alguma coisa como fato definitivo e preciso claramente colocado, a menos que se tenha insistido como uma preliminar para um rápido colóquio. Este era meu plano. Eu usei por um bom tempo para recusar em ter alguma conversa com um espírito de quem não conseguia obter de primeira fatos claros que pudesse verificar, ou que carregavam evidências de probabilidades. Eu me assombrava ao ler mensagens enigmáticas em trabalhos e revistas espíritas, até duvidei das identidades de todos os espíritos comunicantes. Encontrei grandes problemas em obter o que queria, mas persisti em meu ponto até que, pelo exercício determinante da vontade, pela recusa de ter alguma coisa a ver com espíritos que declinavam meu método, e, acima de tudo, pela boa sorte de ser capaz de arrolar a cooperação de um espírito em cuja integridade e poder eu adquiri a perfeita confiança que somente repetidos julgamentos e longa experiência podem dar com o qual obtive a minha prova.

Tendo obtido meus fatos, descobri que, quando pude verificá-los, eram todos corretos. Eram, em algum grau, verdadeiros. Não intento que esses fatos provem alguma coisa acima das pretensões do espírito em particular que os deu, além de estabelecer uma presunção favorável. Tenho razões para crer, do que eu sei da ação espiritual, que todos os fatos podem ser adornados e recontados para mim. Contra isso eu tenho a dizer que os fatos em questão me eram certamente desconhecidos, e se foram tão adulterados, temos um ponto muito curioso perante nós. Que deram, no entanto, nenhuma aparência de engano, e eu tenho confiança plena que nenhum curso sistemático de impostura, como tais argumentos contemplam, seria permitido pelos agentes-guias.

Essa confiança, nascida da experiência, eu não posso mais dar a outras pessoas além de transmitir a confiança na integridade de um velho amigo que fiz pelo resultado de anos de associação íntima. Porém, isso é um fator muito importante em meu argumento. E então há inúmeros casos fora daqueles de meu conhecimento. Há uma multidão de círculos privados - o mundo não tem noção de quantos - nos quais a evidência de retorno daqueles que se foram se apresenta dia a dia, através dos anos de associação íntima, para as mentes daqueles que são melhores, digo, que sozinhos são os únicos aptos para julgar seu verdadeiro valor. É esta reiteração de provas que os círculos privados fornecem de todo modo a convicção. Os círculos promíscuos, pela própria natureza de sua constituição, mal podem dá-la, e então apenas em um grau inferior.

### **Mensagens contraditórias**

Outra causa que tem fortalecido o sentimento inerente de improbabilidade antecedente com o qual a maioria de nós começou é a massa de contradições nas mensagens e o ar geral de irrealidade que muito freqüentemente exala delas. Parece irreal e inacreditável que um amigo com o qual nossas conversas foram de alma para alma apareceria de um momento para outro em uma sessão promíscua para dar uma breve palavra de saudação ou para fazer com que o pobre enlutado se avexasse com a identidade de seu amigo, se não sentir enojado por uma aparente tentativa de jogar com seus sentimentos. Não é assim, pesarosamente pensamos, que nossos amigos fariam se realmente voltassem para nós. E a improbabilidade torna-se mais forte quando lidamos com casos muito bem conhecidos onde contradições e absurdos grotescos, devido a alguma coisa que sabemos das dificuldades que afligem o próprio método de comunicação, tanto quanto enganos intencionais, demonstraram, ao menos, erro. Destes, o contágio da dúvida se espraia a todos. Os melhores casos são, pela sua natureza, desconhecidos do público, e aqueles onde as evidências são, ao menos, conclusivas tornam-se geralmente conhecidos. Nem isso vai superar grandes dificuldades até o momento quando improbabilidades antecedentes cederem o lugar à experiência, e os observadores possam contribuir com a sua pedra para o marco de provas, sem a certeza de tê-la jogada de volta em seu rosto por alguns pseudossábios rasos que decidem,

dogmaticamente, que tais coisas são contrários as leis da natureza e, portanto, não podem existir.

### **Condições nas quais boas evidências são obtidas**

Não é surpresa, então, que apenas quando as condições são escrupulosamente observadas que evidências confiáveis são obtidas. Na reclusão do círculo familiar ocorrem repetidos casos nos quais há as mais fortes razões para se acreditar que os espíritos são os que intentam ser - muitos dos quais não restam sombra de dúvidas. Tais casos, repito, são muito sacros para se tornarem públicos. Não encontram caminhos para as prensas e, mesmo se encontrassem, nenhum relato friamente preciso, que pudesse encontrar um crítico antagônico, poderia dar a convicção que advém das mudanças de expressão ou referências a eventos idos ou, possivelmente, de nada mais tangível do que a certeza intuitiva que é mesmo nosso amigo, embora achamos difícil a comprovação, mesmo em nossos dias, da própria identidade.

Sob tais condições, onde a sinceridade absoluta prevalece no nosso lado tanto quanto no deles, quando tomamos cuidados a nos apresentar "puros de coração e suaves na mente" para as "horas de comunhão" com os amigos falecidos, a atmosfera espiritual fica pura e sentimos que há no ar uma consciência moral, de simplicidade, que dá realidade ao que está sendo feito e nos predispõe a crer que não somos vítimas de um sistema organizado de enganos cruéis, prolongado por um período de muitos anos, e de brincadeiras com os mais sagrados assuntos tanto quanto com os mais tenros sentimentos do coração. O espírito que assim age, e ainda mantém um ar de sinceridade e até sublimidade no tom, muito certamente é o demônio transformado em um anjo de luz. Não temo isso, e são sob tais circunstâncias que as provas vêm quais âncoras para se segurar no meio das brumas do muito que é mutável e incerto.

Debaixo de tais condições, também, são dadas as prolongadas séries de testes e provas da existência continuada de uma individualidade uma vez familiar a nós outros em corpo, que forma um argumento cumulativo com grande poder de persuasão em favor da identidade espiritual.

Não há nada, apenas notas em seus tratos íntimos de caráter e pontos de peculiaridades pessoais que se poderia procurar por prova de identidade após longa ausência. Tais são as notas pelas quais se reconheceria seu amigo, e que passando despercebido por outros, seria uma prova definitiva. São essas pequenas notas, tão convincentes para aqueles que as acham, tão difícil de pôr em papel, tão impossível de analisar e dissecar em público, que advém na privacidade do lar doméstico, repetindo-se de várias e várias maneiras e formas, até que a dúvida simplesmente morre de inanição.<sup>8</sup>

### **Valor de testemunhas corroborantes**

Quando, além disso, somada as reiteradas evidências derivadas através de um canal, as evidências semelhantes um pouco mudadas pelas condições variadas obtidas através de um canal independente, o peso do testemunho aumenta-se em demasia. Quando, ainda mais, são multiplicadas e produzidas em todas as ocasiões quando o intercâmbio é buscado com o mundo dos espíritos; quando a falibilidade dos instrumentos humanos é corrigida pela gravação inimaginável da câmera fotográfica, uma cadeia de evidências é completada a qual apenas a novidade do tema permite a predisposição a ignorar.

Tal é o caso relatado pela Sra. Fitzgerald<sup>9</sup> lido anteriormente na A.N.B.E., em 18 de novembro de 1878, e havia muitos que, se imitassem seu exemplo desinteressado, poderiam dar testemunhos inabaláveis de experiências que tiveram em suas próprias vidas.

Evidências tais que são freqüentemente adicionadas a estabelecer a identidade espiritual, provas dadas por vários canais, por vários métodos e se estendendo por um longo período de tempo, provas, também, seja lembrado, que são usualmente fragmentárias, pela razão óbvia de que aqueles que apreciam a bênção de um intercâmbio renovado com seus amigos falecidos não são pessoas normalmente de mente treinadas em Direito, nem são empregadas nas cortes de justiça; evidências tais como são produzidas por esses métodos estabeleceriam em mentes justas uma forte presunção da identidade espiritual, fosse isso não pela improbabilidade inerente a qual eu já aludi (e que é devido tanto a erros teológicos de crença quanto a outras

---

<sup>8</sup> Ver Apêndice II

<sup>9</sup> Ver *The Spiritualist* de 22 de novembro de 1878

causas), e pela recorrência perpétua de casos de fraudes que denigrem e trazem desprezo à grande verdade.

Admitindo, de todo modo, a fim de pesar essas considerações e sabendo, como eu sei, que certas classes de mentes darão a elas o peso desproporcional ao real valor, afirmo, com total confiança, que a identidade dos espíritos é um fato provado. Mostrarei alguns casos que são do de meu próprio conhecimento e referirei a outros os quais eu já publiquei.

Nesta parte do meu trabalho devo pedir desculpas se não dou nomes e fatos em cada caso. Eu me comprometo com a exata acuidade de cada afirmação que faço, e satisfarei alegremente qualquer pergunta em particular a respeito de qualquer caso, se eu puder responder razoavelmente. Porém, eu evitarei publicitar nomes e endereços em alguns casos devido o conhecimento que alguns amigos dos falecidos ainda vivem e que devo respeitar seus sentimentos. Não tenho o direito de invadir a sacra privacidade da memória de seus mortos, mesmo em uma causa como esta de demonstrar o que é chamado livremente de Imortalidade.

### **Experiências pessoais**

Lá se vão agora quatro anos desde que minha mente foi grandemente aborrecida com esta questão a qual eu me determinei em me satisfazer ou abandonaria qualquer outra tentativa de intercâmbio com o mundo espiritual como vaga e insatisfatória. Não possuía provas suficientes de identidade pessoal dos espíritos para servir como base de um argumento firme. Sem dúvida, eu tive algumas, que desde então teve seu devido peso em minha mente, porém a massa de minhas comunicações foi de um caráter impessoal, com espíritos que preferiram chamar a minha atenção à matéria e tendência de suas mensagens, do que para a autoridade de qualquer nome, a despeito de quão grande essa autoridade pudesse ser. Eles tinham passado da esfera da individualidade e se irritavam ao serem chamados de volta a ela. Eu, pelo contrário, exigia algo definitivo, alguma evidência que me certificaria de lidar com espíritos de minha espécie. O Angélico era "muito elevado para mim. Não podia atingi-la."

Por um bom tempo falhei em obter a prova que eu queria; e se eu tivesse feito o que a maioria dos investigadores faz, teria abandonado a busca em desespero ou nojo. Meu estado mental era muito positivo; e fui forçado, aliás, a



suportar algumas dores pessoais antes de obter o que eu desejava. Pedaco por pedaco, aqui um pouco, ali outro pouco, que eu não detalharei aqui, a evidência apareceu, e como minha mente abriu para recebê-la, quase seis meses foram gastos em persistentes esforços diários para conseguir a prova da existência perpetuada dos espíritos humanos e do seu poder de comunicar-se comigo e dar evidências de suas individualidades intactas e da continuidade inquebrantável de suas existências.

Alguns deles que vieram eu tinha conhecido durante a vida na Terra e era capaz, não apenas de verificar suas afirmações, como também notar os pequenos maneirismos, peculiaridades de dicção ou características mentais, que eu lembrava neles enquanto encarnados.<sup>10</sup>

A maioria era-me desconhecida, e vieram, sempre em obediência ao espírito-guia que arranjava tudo, para dar suas provas e iam embora quando a tarefa que lhes fora dada estava terminada. Destes, alguns vieram das mais incomuns fontes e deram-me e aos meus amigos nenhum pequeno dissabor para verificar suas afirmativas.

Alguns vieram ao tempo da morte. Ao tempo, ao que parece, o espírito encontra facilidade para manifestar sua presença e os fatos que pode dar são prontamente verificáveis. Alguns estão há muito mortos, em contagem humana, e voltaram de uma maneira confusa e desajeitada para rever as cenas antigas da Terra, apertadas e angustiadas, por assim dizer, tomando de novo as velhas condições.

Contudo, de onde for que vieram, e o que quer que comunicaram, cada um trouxe consigo um ar de sinceridade e seriedade, como daqueles que se fundem com profunda significância do trabalho que têm em mãos. E todos, sem uma só exceção, disseram a verdade sobre si mesmos, tanto quanto pudemos verificar. Muitas afirmações eram por sua natureza incapazes de se provar, um vasto número tinham uma acuidade impressionante, e nenhuma sugeria qualquer tentativa de engodo. Eu examinei essas testemunhas invisíveis em todos os modos concebíveis, e com uma pertinência que deixava nada sobrando para extrair fatos. Muitas das minhas perguntas ficaram sem respostas, por isso temo que fiz muitas perguntas irracionais, mas com isso eu

---

<sup>10</sup> Ver apêndice II

não abalei a história deles, mesmo com o mais astuto *suggestio falsi*<sup>11</sup> (\*) para levá-los a cometer erros.

Refiro para provar isto os meus relatos, mantidos durante todo esse período uma regularidade escrupulosa dia a dia, minuciosamente detalhados até mesmo coletando temperatura e condições atmosféricas e checado cada relato independente por outro membro do círculo no qual os fatos foram comunicados. Qualquer lacuna em minha própria narrativa, tais como a que poderia ser causada pelo meu ser, pois freqüentemente eu estava em um transe inconsciente, foram então preenchidos e meus próprios relatos checados por um observador independente.

Aduzindo a esses relatos, cito o da véspera do ano novo a 11 de janeiro de 1874. Enquanto estive em Shanklin, na Ilha de Wight, convidado do Dr. Speer, onde tínhamos uma contínua corrente de testemunhas em nossas sessões diárias, todas envolvendo a questão da identidade dos espíritos. As provas foram dadas de várias maneiras, principalmente através de pancadas na mesa, muitas delas produzidas inteiramente sem o contato das mãos de qualquer pessoa presente. Alguns fatos foram dados por escrita direta em papéis previamente marcados, alguns por escrita automática, outros por clarividência ou clariaudiência. Em poucos casos as provas foram dadas por todos os meios acima.

Durante aqueles doze dias, onze casos diferentes de identidade foram descobertos pelos fatos e datas. Três deles eram inteiramente desconectados com nenhum de nós, e um deles nenhum de nós tinha sequer ouvido o nome. Ainda assim, seu nome completo, local de residência, nome da sua rua, ambas datas de nascimento e morte, foram dadas com perfeita acuidade. Um era conhecido do Dr. Speer, cinco da Sra. Speer e dois eram meus amigos.

Destes, ao menos um era uma parenta próxima, a quem lembrava quando criança, e eu, estando ao tempo dessa comunicação perfeitamente livre de qualquer influência anormal, do tipo que ocasionalmente me acrisola enquanto o fenômeno se processa, perguntei a alegada parenta várias coisas. As respostas foram dadas através de batidas diferentes de qualquer outra que já havíamos ouvido e durante uma grande parte do tempo sem nenhum contato de nossas mãos com a mesa.

---

<sup>11</sup> N. do T.: expressão muito usada no direito anglo-saxônico: declaração de falsidade, isso equivale a uma fraude sempre que a parte que foi obrigada a revelar a verdade.

Inquiri fatos e datas minuciosos, sua data de nascimento e de morte, o nome de seus filhos e uma variedade de detalhes, conforme me ocorriam. Depois, perguntei se ela se lembrava de mim quando infante. Ela confirmou. Proceedi, então, a detalhar dois incidentes imaginários que teriam ocorrido em minha vida infantil. Fiz tão naturalmente que meus amigos foram completamente iludidos. Nunca ocorreu a eles que eu estava inventando uma história como teste. Contudo, ocorreu à Inteligência Operadora. Ela recusou de pronto a confirmar a veracidade de minha história. Ela me pegou com uma simples observação, que não se lembrava de nada daquilo. Nem pude eu por qualquer meio fazê-la vacilar nem admitir que ela poderia estar enganada. Ela repetia que não se lembrava de nada parecido.

Freqüentemente, diziam-me que espíritos seriam como que enviados para qualquer coisa, e minha fraude piedosa tinha como tanto por objetivo testar esta alegação em geral, como para provar identidade em caso particular. Como a maioria das afirmações genéricas, isto é incorreto e inexato. Alguns espíritos parecerão favoráveis à questão principal e, possuídos aparentemente de um desejo de agradar, ou inconscientes da importância do que dizem, ou sem consciência moral em si próprios, dirão qualquer coisa. E um acordo danoso é feito ao citar as expressões tolas de tais espíritos, dadas, usualmente, em respostas as perguntas principais, que invalida as réplicas a elas feitas. Devo dizer, de uma vez por todas, que nós nos policiamos a fim de não fazer tais perguntas e que muitos casos de identificação foram feitos pelas testemunhas invisíveis sem nossa intervenção de qualquer meio.

Esses espíritos, de qualquer grau, recusaram a concordar com o que eu sugeria. Eu certamente saí da mesa convencido que eu havia falado com uma pessoa que desejava dizer a verdade e que era extremamente cautelosa em ser exata nas afirmações. Eu verifiquei todos os fatos e os descobri exatamente corretos.

Durante o mesmo período, vieram três parentes da Sra. Speer e deram provas irrefutáveis de suas identidades. Um deles tinha já se manifestado de outra maneira em uma sessão pública, mostrando sua face e uma peculiar mão delicada, a qual era característica dele na vida terrena. Outro tinha tentado se mostrar ao mesmo tempo, mas falhou em obter reconhecimento. Com o forte desejo que anima muitos espíritos em obter reconhecimento, um desejo que parece crescer a cada falha, e para aticá-los a renovar as tentativas, ele me seguiu à sessão mantida na casa da Sr. Makdougall Gregory, em 20 de

dezembro de 1872, manifestando sua presença lá, embora nenhum de seus próprios amigos estivesse entre os convidados. Ninguém o conhecia ou tomou qualquer nota de seu breve anúncio, que ele era um irmão da Sra. Speer que falecera havia treze anos. Eu estava inconsciente à hora, e pensei que o fato dele ter se comunicado fora mero acidente. Eu estava folheando o manuscrito dos relatos das sessões da Sra. Gregoy, muito depois desse dia em particular, e meus olhos acidentalmente caíram no nome George \*\*\*. Eu li que ele tinha se anunciado como aquele que desejava muito dar seu nome, obter reconhecimento como um parente da Sra. Speer e que tinha tentado anteriormente chamar a atenção dela. Essa tentativa havia falhado na primeira vez, então ele arquitetou um plano para trazer essa evidência que tinha sido levado até Shanklin e ali estabeleceu sua identidade. Isso feito, ele se foi, e nunca mais o vimos. Ele tinha ido para a América procurar um irmão que havia viajado para Nova Iorque vinte e oito anos atrás, e nunca mais houvera dado notícias.

No *The Spiritualist* de 31 de agosto de 1877 <sup>12</sup>, uma referência é feita à aparição de uma velha dama que havia acabado de se livrar do corpo, e que, como ela disse, tinha sido capaz, por orações e simpatia amorosa, levantar seu marido, há muito prisioneiro na esfera terrícola, ao elevado estado para o qual ela havia subido. Quando ela saiu a ele foi permitido acompanhá-la, assim, se reunindo.

O marido manifestou sua presença durante o mesmo período de onze dias. Cada espírito seleciona, aparentemente, uma batida, um som ou uma forma de sinal em especial, que nunca varia e possuem tanta individualidade quanto a voz humana. Ele veio com o mais estranho e desconfortável ruído, às vezes como um zumbido no ar, outras como um ralar na mesa, cada um igualmente sugestivo de agitação. A atmosfera que circundava o espírito e a qual eu estava dolorosamente cômico quando ele manifestou sua presença, era similarmente indicativo de infelicidade, e ele pedia honestamente por oração. Ele tinha sido um sovina, o ouro era seu deus e ele viveu de modo a se encontrar vinculado por grilhões de ouro a Terra, onde o seu tesouro tinha estado. Não tenho palavras para descrever a sensação de desconfortante frio que sua presença trouxe, nem o ar de horrível e cruel miséria que foi-nos transmitido pelo que nos disse. Sua designação na vida espiritual era WOE. Ao espírito que nos disse

---

<sup>12</sup> Ver apêndice II

isso foi pedido para pôr em uma palavra qual o motivo dele estar naquele estado. A palavra foi dada de inopino, com uma intensidade que impressionou-nos a todos poderosamente: GANÂNCIA. Embora ele não tenha sido o que o mundo chama de "mal figadal"<sup>13</sup>, nem negligente de seus deveres. Ao contrário, em seu modo mecânico, ele tinha sido pontual e exato em seus encargos. Mas o espírito era faminto, e ele esperava o tempo quando a alma simples e amorável, que na Terra tinha sido sua companheira, pudesse se reunir com ele, e infundir alguma vida espiritual e vigor em sua existência fria e pesarosa. Creio que ninguém que presenciou a realidade dorida de sua manifestação teria algum pingão de dúvida de sua identidade. Nunca entendi até então o significado daquelas palavras do Cristo, endereçadas aos mais respeitáveis homens do mundo, quem, sem dúvida, eram pontuais e exatos em seus negócios - "Os publicanos e as prostitutas entrarão no Reino dos Céus antes de vós."

### **Influência da associação, especialmente da localidade**

Este espírito primeiramente se manifestou depois do Dr. Speer e eu termos visitado seu túmulo. Havia uma ligação entre ele e o local do último descanso de seu corpo. Eu não entendia como ou o motivo, mas eu fui levado, depois de repetidas provas, a aceitar como um fato o que não podia dar uma razão, que um espírito preso a Terra é freqüentemente associado com uma localidade, com a casa, lugar da morte ou mesmo da tumba. A presença de amigos pessoais, especialmente se eles possuem o misterioso poder psíquico, ou estão acompanhados por um que possua, freqüentemente atrairão um espírito errante, ou mesmo evocarão um que não esteja atado a essa baixa esfera.

Este foi o caso com o homem que encontrou a morte ao ser atropelado por uma locomotiva, relatado no *The Spiritualist* de 27 de março de 1874<sup>14</sup>.

Este era o caso quando Dr. Speer e eu, então em excursão ao norte da Irlanda, visitamos um velho cemitério desativado em Garrison. Havia nele algumas curiosas cruces rúnicas das quais eu queria uns croquis. Permanecemos lá um considerável tempo, e ficamos chocados até os ossos pelo que descobrimos jazendo em todas as direções. O resultado da visita foi

---

<sup>13</sup> N. do T.: no original "evil-liver", um trocadilho, o fígado era considerado um órgão maligno, pois quando da falência do mesmo a aparência e a cor pele da pessoa mudava, havia a superstição de que junto dele levava-se um inimigo a morte. Daí a expressão "inimigo figadal".

<sup>14</sup> Ver Apêndice III.

um barulho assombroso em meu quarto de dormir, que era separado do quarto do Dr. Speer apenas por uma fina parede, o qual eu sei que ele guarda como uma lembrança viva da visita àquele cemitério. Ele descreveu os sons como totalmente destrutivo de sono, e foi muito agravada por descobrir, ao entrar em meu quarto, que eu dormia pacificamente. Outro caso ocorreu durante aqueles onze dias que testificaram de novo a conexão entre o espírito e o local de descanso de seu corpo. No curso de uma caminhada, eu visitei um belo cemitério de igreja e fiquei perambulando por ele. De tarde, veio um espírito, cujo corpo ali jazia, um velho amigo da Sra. Speer, que se comunicou com muita aparente alegria e deu particularidades claras e completas de sua identidade, embora (como eu descobri de meu relato escrito no local) eu estava cuidadosamente ocupando minha mente ao recitar algumas passagens de Vergílio enquanto a mensagem estava sendo dada, e a mesa de onde provinham as batidas estava completamente intocada por nós. Isto, devo aqui dizer, é uma precaução que habitualmente tomo a fim de eliminar os elementos perturbadores em minha própria ação mental. A escrita automática, que trouxe-me as evidências de maiores pesos, tem sido, em muitos casos, executada enquanto eu estava ocupado lendo um livro, às vezes de um escritor bem abstruso.

O último caso que citarei desse período é o daquela pessoa de quem ninguém presente tinha ouvido falar. O espírito era de um recém-falecido. Tinha sido trazido, para provar, pelo espírito que guiava a sessão e que havia organizado o plano para apresentar de uma vez por todas as provas que quebrariam minha descrença que agora imperfeitamente reconto. Ele deu fatos e datas minuciosas de quando vivo e se foi. Tivemos uma considerável dificuldade de verificá-los, mas finalmente conseguimos ao obter uma carta de um parente próximo ainda vivo.

Esse caso tem paralelo com ao menos doze outros exemplos, a respeito que eu tenho certeza de que as informações dadas eram estranhas à minha mente, ou, como asseguro, de qualquer pessoa presente.

O caso de Abraham Florentine <sup>15</sup>, publicado no *The Spiritualist* de 19 de março de 1875, deve ser mencionado nesta conexão, como também o de Charlotte Buckworth <sup>16</sup>, publicado no de 21 de janeiro de 1876.

---

<sup>15</sup> Ver Apêndice III

<sup>16</sup> idem

## **Espíritos que se comunicaram por um longo período**

Passo ao caso no qual um espírito, que primeiro se manifestou em 4 de setembro de 1872, e manteve permanente comunicação conosco desde então. Cito este devido à vantagem de prolongado intercâmbio ter-nos ajudado a formar uma opinião quanto à identidade e por que o espírito não apenas nos deu prova inequívocas de sua individualidade, quanto evidenciou sua presença de diversas formas. Este é um caso incrível, também, ao mostrar que a vida, uma vez dada, é indestrutível, e que o espírito uma vez animando o corpo humano, mesmo com vida curta, vive com identidade sem par <sup>17</sup>.

O espírito em questão anunciou-se por batidas, dando uma mensagem em francês. Ela disse que era uma irmã do Dr. Speer e faleceu em Tours, como uma infanta de sete meses. Nunca tinha ouvido ser mencionada e seu irmão a esquecera, pois havia nascido e morrido antes dele nascer. Clarividentes descreviam uma criança em minha companhia e me perguntavam sobre isso, pois não tinha nenhum parente ou amigo nesse estado. Aqui vai a explicação. Do tempo de sua primeira aparição, ela permaneceu junto da família, e suas pancadinhas limpas e alegres, perfeitamente individuais em sua natureza, são uma prova infalível de sua presença. Nunca varia, e nós todos as reconhecemos como reconhecemos a voz de um amigo. Ela deu particularidades de si mesma, e também seu patronímico completo, composto de quatro nomes. Um era novo ao seu irmão, e ele verificou apenas ao consultar outro membro da família. Nomes, datas e fatos também desconhecidos também foram dados e eu era totalmente ignorante do fato da simples existência de tal pessoa.

Esse pequeno espírito manifestou duas vezes na placa fotográfica. Um desses casos foi atestado por escrita direta, e ambos podem ser encontrados mais detalhadamente no curso de minhas *Pesquisas*, no capítulo sobre Fotografia Espírita, publicado na *Human Nature*, vol.VIII, pág. 395 <sup>18</sup>.

## **Espíritos infantis comunicantes**

Aquele não é um exemplo solitário, dentro da minha experiência, da aparição e comunicação daqueles que tenham sido removidos em tenra infância do mundo da matéria.

---

<sup>17</sup> Vejam algumas provas arrebatadoras sobre esse ponto no livro *Heaven Opened*, por F.J.T. (Florence Theobald) (Harrison, 38 Great Russel Street).

<sup>18</sup> Veja apêndice IV

Em 10 de fevereiro de 1874, fomos atraídos por um novo e peculiar tipo de batida tripla na mesa, e recebemos longos e mais circunstanciais contos de morte, época (até o mês) e patronímicos completos (em dois casos, quatro, e em outro, três nomes) de três pequenas crianças de um pai, que haviam sido retirados dele de um só golpe da foice do Anjo da Morte. Nenhum de nós jamais tinha ouvido seus nomes, que eram bem peculiares. Tinham falecidos em um país distante, a Índia, e quando a mensagem foi dada, não tinha nenhum ponto aparente de conexão entre nós.

As afirmações, entretanto, foram verificadas de uma maneira singular. Em 28 de março de 1874, eu encontrei, pela primeira vez, os Sr. e Sra. A. A. Watts, em casa de Sr. Cowper Temple, M.P.<sup>19</sup>. Nossa conversa foi toda calcada nas evidências que agora relato. Recontei vários casos, e entre eles, o caso dessas três crianças. A Sra. Watts ficou muito interessada nelas, pois correspondiam em linhas gerais a uma história muito triste que tinha ouvido. Na segunda anterior, Sr. e Sra. Watts jantaram com uma velha amiga, Sra. Leaf, e dela ouviram uma história angustiante de luto que se abatera sobre o parente de um dos conhecidos da Sra. Leaf. Um cavalheiro residente na Índia tinha, em um breve período de tempo, perdido sua jovem esposa e três crianças. A Sra. Leaf entrou em melancólicos detalhes, mas não mencionou nem os nomes nem o local da triste ocorrência. Ao citar o incidente da comunicação das três crianças comigo, eu dei os nomes e lugar, como haviam sido postas na mensagem. A Sra. Watts se ofereceu para confirmar com Sra. Leaf as particularidades do caso que havia mencionado. Ela assim o fez no dia seguinte e os nomes batiam certo.

Através da doçura da Sra. Watts, deparei-me com a Sra. Leaf e fiquei muito impressionado com a perfeita correspondência de cada detalhe dado a mim com o fato deles terem ocorrido.

Não é pouca coisa dizer que, naquele mesmo dia que a comunicação se perfez, a Sra. Watts, que possui um belo dom de desenho direto<sup>20</sup>, teve-se tomada pela vontade de desenhar três cabeças de querubins, os quais, depois informada espiritualmente, foram desenhadas em típica alusão ao triste evento. Outros detalhes, simbólicos ao país onde ocorreram e da atração do espírito materno aos seus três rebentos, foram adicionados. Os croquis formam uma bela ilustração de vários métodos empregados pelos espíritos para alcançarem diversos tipos de mente. Sra. Watts - naquele tempo, note-se,

---

<sup>19</sup> N. do T.: M.P. sigla para *Member of Parliament*, ou Membro do Parlamento.

<sup>20</sup> N. do T.: ou pictografia, desenho mediúnico.



era-me desconhecida - sempre fora instruída na linguagem simbólica, na licença poética e representação artística. A Voz apelava melhor para o Espírito e para o interior da consciência do que ao sentido exterior e aos métodos de demonstração exata. Eu, ao contrário, não havia progredido tanto. Estava no plano material, perseguindo a verdade, do meu jeito e desejando inclemente uma demonstração lógica. Então para mim vieram tais fatos, claramente dados, e nada mais. Para ela, vieram indicações simbólicas, delineamentos artísticos, a poesia do incidente. A fonte, de todo modo, era única. Era o Espírito manifestando a Verdade de acordo com nossas necessidades básicas.

### **Outras evidências de identidade**

Um tipo diferente de prova foi-me dado diversas vezes, lembrando minuciosos incidentes de longo passado que, por nenhuma possibilidade concebível, poderiam ter vindo de dentro do meu conhecimento ou lembrança. Apenso um exemplo. Ocorreu quando estava muito ocupado com a escrita automática e veio a mim oportunamente do nada. O espírito estava presente, presumo, e aproveitou a oportunidade de se aproximar de sua amiga.

Em certa tarde (8 de abril de 1874), estava para colocar uma pergunta sobre o que havia sido escrito, quando a mão começou a desenhar, ou melhor, mover sem direção conexa sobre o papel, como é comum nos casos quando um novo espírito se apresenta. Pedaco a pedaco, uma longa comunicação de natureza muito pessoal foi escrita, embora deva, necessariamente, perder muito de sua força a partir do breve resumo que é tudo o que eu sou capaz de imprimir agora. Estava em uma estância no interior e o espírito comunicante era conhecido da dona da casa e de mim mesmo, melhor, ela me conheceu como garoto, vinte e nove anos atrás. Ela primeiro deu seu nome completo e perguntou se eu a reconhecia, ao que respondi que não. Ela então disse que era uma prima da dona da casa onde eu passava o tempo e que tinha morrido em 15 de maio último. Em resposta as minhas perguntas, ela disse que tinha sido casada, e, rapidamente, deu o nome de solteira que me lembrei na hora, e o local onde moravam. Isso produziu um relato de sua vida, incluindo a época e local de nascimento - uma descrição da casa e o nome de cada ocupante - particularidades de sua vida de casada, além da idade, data e local da morte. Então seguiu uma afirmação muito exata de um episódio trivial em minha adolescência, quando eu tinha ido visitar sua casa. No curso disso, pequenos

incidentes foram lembrados e microscópios fatos dados dos quais eu nada conhecia e que eram muito difíceis de se imaginar algum espírito impostos aludir.

Eu, subseqüentemente, verifiquei, em duas fontes, o que ela disse e vi que era tudo literalmente exato.

Inquiri, logo, se ela tinha algum objetivo ao vir até mim. Sim, ela desejava dar uma mensagem: *"Eu perdi muito da minha oportunidade de progresso pela gratificação do apetite corpóreo. Isto me trouxe de volta. Meu curso de progresso ainda está para vir. Descobri que minha vida presente não é muito diferente da vossa. Sou praticamente a mesma. Eu queria poder ajudar \*\*\*, porém não consigo me aproximar dela."*

Pedi outra prova, e ela disse que não poderia mais me dar. Então, quando eu ia embora: *"Fique! Pergunte a \*\*\* sobre \*\*\* e o alçapão."* Não tinha idéia do que isso significava e perguntei se ela estava confortável em seu presente estado. *"Tão feliz quando poderia estar neste estado."* Perguntei como havia me encontrado. Ela veio, como disse, pairando ao redor de sua amiga e descobriu que poderia se comunicar. Perguntei como podia ajudá-la. O pedido usual de oração foi feito.

Subseqüentemente, constatei que o incidente do alçapão sobre o qual me foi pedido perguntar era outro daqueles mínimos detalhes da vida diária de trinta anos atrás, o que parece, para mim, fornecer a melhor evidência de identidade. O incidente absurdo alude ao que dificilmente seria conhecido exceto aos que o perpetraram. Ele, posso dizer, ocorreu quando eu tinha cinco anos. A pessoa que foi referida se lembrou do episódio do alçapão com dificuldade e somente após uma noite de pensamentos.

Mais um caso de evidências extremamente diminutas dadas em detalhes através da tiptologia e corroboradas pela escrita automática, deve ser dito antes de encerrar.

Naquele mesmo tempo do qual eu falei, uma de nossas sessões, estendendo-se por quase duas horas, foi tomada pela comunicação de uma série de fatos, nomes, datas e particularidades de um espírito que aparentemente era capaz de responder as mais incríveis perguntas. O dia de seu nascimento, particularidades de sua história familiar e detalhes de sua vida pregressa foram dados por pedido meu. Então veio uma perfeita autobiografia, na medida em que fatos notórios eram interessantes e envolvidos em alguns detalhes triviais, que, de todo modo, se arranjavam de um jeito todo natural.

Todas as perguntas foram respondidas sem a menor hesitação, e com perfeita limpidez e precisão. As particularidades foram anotadas e em todos os aspectos foram verificadas como exatas e acuradas.

Mesmo se esse caso fosse o único em minha experiência, seria muito complicado para mim imaginar o que foi tão laboriosa e precisamente dado como produto de engodo, fraude de um espírito enganador ou capricho de um cérebro errante, do que acreditar, como asseguramente acredito, que a Inteligência Operadora era o próprio homem, com memória sem par e individualidade intocada pela mudança que chamamos de Morte. Descansando na mesma base de outros fatos que já detalhei, e com muitos dos quais ainda não, apresenta mais um elo na cadeia de evidências.

Em adição à longa série de fatos então comunicados por tiptologia, aqui permanece em um caderno que usei naquele tempo para escrita automática uma pequena carta psicografada por mim, em uma caligrafia arcaica, com fraseado um tanto quanto antiquado e contendo um curioso pedaço de grafia antiga. É assinado com o nome do espírito em questão, que foi um homem notável nos seus dias de vida na Terra. Eu consegui uma carta na sua escrita, um documento antigo e amarelado, preservados por conta de comparação. A caligrafia em meu caderno é uma justa imitação desta, a assinatura é exata, e o pedaço de grafia antiga ocorre exatamente como está no meu caderno. Isso, como dito, fora feito de propósito como que para dar provas.

### **Um possível engano contra**

Abstenho-me de somar mais evidências desta natureza, embora meus arquivos contenham um grande número de outros casos similares e igualmente precisos em detalhes. Há um ponto além do qual tais evidências cansam pela similaridade e tal ponto parece-me que alcancei.

Tenho procurado somente com o que considero serem fatos conexos com um princípio elementar da comunhão espiritual. Eu tentei fundar a prova de que homem sobrevive à morte física e ser capaz, sob certas condições, demonstrar sua individualidade, além de mostrar a permanência de seu interesse em velhas associações de sua vida terrena.

Deve resguardar-me, de todo modo, contra um possível equívoco. Há muitos espíritos, como bem o sei, que passaram para outro plano, e que tiveram, aparentemente, perdido o poder de provar suas lembranças da porção de sua

existência. A Terra e cenários da Terra esvaíram de seus olhares e se perderam na ampla perspectiva que se abria para eles. Interesses maiores os absorvem e quando nos visitam é para nos avisar, instruir ou guiar, para despender alguma porção da grande tarefa que lhes foi imputada. Há ordem no mundo espiritual, e muitos são engajados no grande trabalho missionário que tem por objetivo a progressiva iluminação da humanidade, a revelação de maiores visões da verdade enquanto o homem cresce em capacidade de vê-las, o desenvolvimento entre a humanidade dos conceitos mais nobres e puros do Supremo que aprenderam na vida progressiva igual a da deles. A partir de tais, nenhuma evidência, como eu estou agora envolvido, está disponível, porém eles também trazem suas próprias contribuições ao ciclo de provas sobre a atmosfera de pureza moral e elevação que os acompanha, no vasto escopo de seus interesses, e na ausência de mesquinhez e trivialidades com o que somos muito absortos.

Nada tem mais me impressionado do que a largura de caridade de amor, a pureza e zelo pela verdade, que tais espíritos mostram. Comungar com eles é levantar-se acima dos cuidados da Terra, e ver com compreensão perspicaz "a única coisa necessária": como o viajante que sobe a montanha e olha para baixo sobre os nevoeiros e neblinas que envolvem o vale abaixo dele.

### **Conclusões gerais**

Os fatos que eu enumerei permanecem como parte integral de um grande sistema. Eles cabem seus próprios espaços e correlacionam-se com uma série de outros fatos dentro da minha própria experiência, e da vasta maioria de alunos pacientes do assunto - alunos, eu digo, e pacientes também, pois declino de admitir que há algum valor na opinião de meros caçadores de maravilhas, que zumbem em algumas poucas sessões públicas ou na crença dogmática do homem que tem uma objeção anterior para investigar qualquer prova ou ter o que ele tem o prazer de chamar de a sua fé de algum modo perturbado; ou na crítica capciosa dos poucos que viram um olhar descuidado sobre o que consideram como puerilidades do Espiritualismo em comparação com os interesses imperiais que se ocupam.

Esses fatos, digo, vistos em sua devida relação pelo aluno paciente, estabelecem, como creio, duas conclusões primárias nas quais eu desejo insistir. São elas:

1. A inteligência é perpetuada após a morte do corpo. Pensamento não é apenas uma questão de cérebro. O homem continua homem, embora seu corpo seja transformado em pó. A imortalidade do espírito humano é discutível por uma base segura de fatos estabelecidos. É razoável propor a indestrutibilidade do espírito humano pelo que conhecemos. Os dogmas da Divina Revelação recebem uma nova ilustração advinda da pesquisa humana.

2. O espírito humano depois de ser separado de seu corpo não perde sua individualidade. Em outras palavras, o homem real sobrevive. Ele será ele mesmo no próximo estado, e conhecerá e apreciará o intercâmbio com seus amigos. Ele carregará os interesses de sua vida, apenas sob outra ótica.

### **Imortalidade pessoal e reconhecimento pessoal**

Essas duas doutrinas de imortalidade pessoal e reconhecimento pessoal, parte integral da Divina Revelação que nós, como cristãos, concebemos como a Palavra de Deus, parecem para mim estar recebendo ilustrações práticas e demonstrações pelo que está ocorrendo ao nosso redor. De artigos de fé estão passando para deduções lógicas advindas das experiências.

O desejo de viver é forte no coração do homem, e o desejo de viver no contínuo exercício de suas afeições, que fazem dela o raio de sol de sua vida terrícola, dificilmente é menos potente e universal. Aqueles que nesta era moderna de niilismo, quando está na moda se ter a menor fé possível, asseveram que o homem não tem alma e nenhum futuro perante si, esses soldados levemente equipados dir-nos-ão que por um impulso universal, que de alguma forma ou de outra a nossa raça possui, foi transferida para as páginas da Revelação, e que o homem, tendo fabricado seu Deus e seu paraíso, tem se divertido com esperança de imortalidade que é ficção de seu próprio cérebro.

Nós, que pensamos ao contrário, que relacionamos esse impulso universal como, por ele mesmo, uma testemunha da verdade que o baseia; nós, que acreditamos que o espírito é o homem, e que oferecemos alguma evidência lógica como um terreno para se aderir a crença antiga e venerável - uma crença intocada pelos assaltos da incredulidade moderna - não estamos dispostos a estimar levemente o testemunho que está sendo trazido, dia a dia, até nós sobre esses pontos. São para nós as fundações de nossas crenças religiosas tanto quanto ela diz respeito a nós mesmos. Eles não irão, e não podem, ficar

sozinhos, pois, uma vez reconhecida, carregam em seu bojo um código inteiro da religião pessoal.

Viverei depois da morte do meu corpo? Então me interessa saber onde. Que respostas vêm para mim da terra do além? Somos os árbitros de nossos próprios destinos. Nós viveremos lá como vivemos agora. Pelos atos e hábitos de nossa vida diária, preparamos por nós mesmos o lugar de nossa futura habitação. O malvado continua malvado, como o puro de coração preserva sua pureza. Preparamos nossa própria salvação ou nossa a miséria e aflição.

E os amigos da Terra, com os quais os meus interesses são tão ligados que cortá-los seria como arrancar as cordas do coração e destruir a metade de mim mesmo? Eles viverão, os mesmos amigos com os mesmos interesses e mesmas afeições. Se desejarmos juntar-nos a eles e associar-nos com aqueles que podem nos liderar para o alto e avante, devemos viver como na presença deles, sob seus olhos penetrantes, devemos energizar para levar a vida que os elevou e enobreceu, a vida de abnegação e autodisciplina, como a daquele que subjuga a carne ao espírito e subordina o temporário ao eterno.

Para encurtar, a tapeçaria inteira da religião, na medida em que afeta o homem, excluindo no momento a adoração devida ao Supremo, recebe sua sanção e estímulo dessas doutrinas que estão se tornando partes integrais da vida diária de muitos de nós.

Em dias quando a fé evanescente relaxou suas amarras na vida humana, ou, se preferir, quando o homem perdeu a compreensão da mesma, quando a religião, como um poder vinculativo está perdendo tanto de sua influência vitalizante e tornando-se cada vez menos um fator na formação de caráter nacional, estamos, pela misericórdia daquele Deus cuja resposta nunca é querer as aspirações de Suas criaturas, encarando com a realidade de nossa existência espiritual.

Há muitos de nós que choram de bom grado "Senhor, eu creio, ajuda minha descrença", não por causa da prescrição de um credo consagrado pelo tempo, ou por causa da fé que nossos pais nos transmitiram, tristemente combatida e quebrada por muitas explosões de críticas destrutivas, ainda menos por causa de dogmas de alguma corporação eclesiástica, mas por causa de termos visto com nossos olhos e termos provado por vários métodos lógicos, que os FALECIDOS VIVEM, porque podemos argumentar a partir de sua vida perpetuada para a nossa própria, porque podemos acreditar que também um dia juntar-nos-emos a grande companhia que nos precedeu, e porque

aprendemos de alguns deles lições razoáveis, compreensíveis e coerentes de vida e disciplina que, seguindo-as, encaixamo-nos para a vida progressiva do porvir.

É isso que constitui para mim a bela moral do Espiritualismo. A parte seu aspecto religioso, visto como uma questão de mera psicologia, o qual devo sempre relacionar com profundo interesse, porém o mesmo teria que aprimorar o significado de longo alcance que possui agora. Seu fenômeno impressiona-me com um assombro gradativo, embora eu não seja sempre grato pelo espanto que me causa, nem agradecido pelo destaque atribuído a ele por alguns amigos bem-intencionados, mas imprudentes que confundem a casca com o interior. As bobagens que passam na mente pública por Espiritualismo, a fraude e loucura que o mancham, as coisas obscuras que a embaralham, os caprichos de mentes desequilibradas que são inevitavelmente atraídas para um assunto novo e fascinante, essas coisas que eu deploro, porém contemplo sem desânimo. São efêmeros, e viverão sua curta vida e morrerão. Nascidos da ignorância humana, nutridos pela tolice humana, eles produzirão a promoção do conhecimento e maior senso de responsabilidade, quando a verdadeira significância moral do assunto será reconhecida entre nós.

E quando morrerem, ou quando os homens puderem olhar através da neblina que circunda-os para a luz além, será visto que a grandeza moral do muito abusado Espiritualismo descansará na firme base de nosso conhecimento da vida humana perpétua, de onde flui naturalmente aquelas deduções a respeito de nosso próprio futuro desencarnado e aquelas regras de nossa própria vida encarnada, que eu já indiquei anteriormente. Não, mais! Estes princípios cardeais serão descobertos ao se tornarem os princípios basilares de uma Revelação que ainda aprova-se Divina, embora tenham sido tão dolorosamente mal-interpretados pelo homem, tão gravemente adulterados por equívocos e glosas humanos.

Devo ficar contente se, por algo que eu disse, levei alguém a pensar por si mesmo que sua própria vida depende da apurada presença daquela "Inteligência Operadora no outro lado da linha."

# APÊNDICES



# APÊNDICE I

## O PODER DOS ESPÍRITOS EM TER ACESSO A FONTES DE INFORMAÇÃO

No retiro da vida privada, um vasto número de sessões espíritas é mantido, nas quais manifestações e revelações muito interessantes são freqüentemente feitas, que nunca vêm a público. Um grande número de espiritistas e médiuns não vêm razão pela qual eles deveriam incorrer em descrédito e abusos por dizerem verdades espirituais para os ouvintes indesejosos, especialmente porque é mais negócio esses ouvintes saberem onde irão após a "morte", do que é o de ninguém forçá-los a aceitar tal conhecimento útil.

Recentemente, estivemos presente em algumas sessões na residência do Dr. Stanhope T. Speer, em Douglas House, na Alexandra Road, St. John's Wood, a qual algumas interessantes manifestações tomaram lugar, através da mediunidade de um cavalheiro. Ele obteve manifestações físicas e mentais de alta ordem. Batidas, toques na mesa, carregamento de pequenos objetos sólidos de uma sala ou de uma casa a outra, são fenômenos comuns em conexão com sua mediunidade. Vários espíritos luminosos são vistos através de sua mediunidade e a voz direta espiritual está em seus estágios incipientes de desenvolvimento. Ele também obtém música espiritual direta, deve ser dito,

um dos espíritos normalmente toca, no ar, o que soa como um instrumento musical de cordas, quando não há nenhum instrumento material na sala. Como a maioria dos médiuns, esse cavalheiro sabe que companhias desagradáveis reduzem as manifestações ao mínimo; são moderadamente mais fortes em círculos comuns, e de grande poder quando ninguém, exceto amigos íntimos, e nenhuma nova influência estão presentes, a harmonia espiritual reage na maneira normal sobre as manifestações. Tão forte é esse fato reconhecido, que a ele tem sido aludido pelas inteligências comunicantes para refrear todas as tentativas de extrair fenômenos, exceto no círculo com o qual habitualmente se apresentam. A sabedoria desse aviso é mostrada pelo fato, repetidamente aclarado, que qualquer tentativa de introduzir novos elementos é seguida pela falha do fenômeno, também pelas mais sérias conseqüências físicas. Uma sessão falida marca o médium por dias. É de se lamentar muito que, nestas condições, é impossível que os resultados de sua mediunidade sejam experimentalmente conhecidos por um grande número que sinceramente desejam testemunhá-los.

Porém, as mais valiosas apresentações de sua mediunidade não são vistas em manifestações físicas, mas no alto desenvolvimento da fala em transe e escrita automática <sup>21</sup>. Sempre que entra em transe em nossa presença, a sala toda se enche de uma vibração incessante, que pode não apenas ser sentida, mas ouvida; as vibrações continuam durante todo o transe. Nunca tendo visto tal fenômeno em conexão com o transe de outros médiuns, perguntamos aos espíritos a razão disso. Responderam que havia muito poder excedente durante seu transe e o método de despender tal excesso causava as vibrações físicas.

As comunicações obtidas através das escritas mediúnicas são de grande valor. Sua caligrafia muda a cada espírito diferente que o controla e tais espíritos, que são principalmente literatos e teólogos de eras passadas, dão seus nomes, particularidades de sua vida terrena, extratos de seus escritos e em investigações e pesquisas, na Biblioteca do Museu Britânico ou em qualquer outro lugar, suas afirmativas são confirmadas. O médium critica e questiona todos os resultados de sua própria mediunidade tanto quanto qualquer cientista poderia fazer. Ele diz que está certo que as mensagens provêm de indivíduos fora ele mesmo, os fatos, argumentos e linhas de

---

<sup>21</sup> N. do T.: psicofonia e psicografia.

pensamento sendo estranhos a si próprio, e quase sempre fortes e sérios ao discordarem de suas opiniões pessoais, especialmente em matéria teológica. As verdadeiras particularidades que os espíritos deram acerca da vida terrena poderiam fazer um pequeno dicionário biográfico, e embora os fatos dados ele sinta que lhes sejam novos, ainda assim, ele discute, "como posso eu ter certeza absoluta que não passaram uma vez pela minha mente, e depois esquecidos?" Em 22 de maio de 1873, o médium manteve a seguinte conversação com os espíritos, escreveu as perguntas e as respostas vieram depois pelo que Dr. Carpenter chamaria de "cerebração inconsciente que governa os movimentos da mão"<sup>22</sup>:

### *A LEITURA DE LIVROS PELOS ESPÍRITOS*

*Podes ler?*

*Não, amigo, não posso, mas Zachary Gay pode, assim como R\*\*\*. Não sou capaz de materializar-me ou de comandar os elementos.*

*Outros desses espíritos estão aqui?*

*Trarei um logo. Enviarei R\*\*\*. Ele está aqui.*

*Disseram-me que podes ler. Verdade? Podes ler um livro?*

*[a caligrafia muda] Sim, amigo, com dificuldade.*

*Poderias escrever para mim a última linha do primeiro livro da Eneida?*

*Espera. "Omnibus errantem terris, et fluctibus aetas." <sup>23</sup>*

*[está certo]*

*Muito bem. Mas eu sabia essa. Podes ir até a estante, pegar o penúltimo livro da segunda prateleira e ler-me o último parágrafo da nonagésima quarta página. Não o vi, nem sei o nome do livro.*

*"Eu vou provar bruscamente por uma breve narrativa histórica, que o papado é uma novidade, e tem gradualmente surgido ou crescido desde a época primitiva e pura do Cristianismo, não só desde a era apostólica, mas mesmo desde a lamentável união clérico-estatal por Constantino."*

*[O livro em exame provou ser um chamado Roger's Antipopopriestian, uma tentativa de liberar e purificar o Cristianismo do papado, política eclesiástica e patriarcado. O extrato dado acima era acertado, apenas com a palavra "narrativa" substituindo "conto".]*

*Como eu pude escolher tão apropriadamente a frase?*

---

<sup>22</sup> N. do T.: Dr. William Carpenter, psicólogo inglês, que propôs a teoria da "cerebração inconsciente" para os processos mediúnicos.

<sup>23</sup> N. do T.: Vagueando todos os países, e as ondas de idade.

*Não sei, amigo. Talvez apenas coincidência. A palavra foi mudada por um erro. Eu sabia disso quando terminei, mas não pude mudar.*

*Como lê? Escreveste mais lentamente e aos trancos e barrancos.*

*Escrevi o que lembrava, e então ia atrás do resto. Foi um esforço especial para ler e útil apenas como um teste. Teu amigo estava correto na noite passada; podemos ler, mas apenas quando as condições são muito boas. Leremos mais uma vez, escreveremos e indicaremos o livro: "Pope é o último grande escritor daquela escola de poetas, a poesia do intelecto, ou melhor, do intelecto misturado com fantasia." Assim está escrito. Vá e pegue o undécimo livro da mesma prateleira. [eu peguei um livro chamado Poesia, Romance e Retórica]. Abrirá na página para ti. Pegue e lê, reconhece nosso poder e a permissão que o grande e bom Deus nos deu, a fim de mostrar a ti nosso poder sobre a matéria. Para a glória d'Ele. Amém.*

*[o livro abriu na página 145 e lá havia a citação perfeita. Não tinha visto o livro antes, certamente não tinha idéia de seu conteúdo.]*

Aqui, então, estão provas poderosas da identidade espiritual, e de mensagens espirituais muito livres de preconceitos devido aos pensamentos do médium. Assim como espíritos podem ler livros quando as condições são favoráveis, o fato trás suas identidades pessoais de novo à tona, pois não pode um espírito zombeteiro extrair particularidades pessoais de um livro e dá-las como suas?

Vendo, então, certos espíritos, em geral, dando justas provas de sua identidade e veracidade através deste médium, a seguinte comunicação sobre o Dr. Dee é de considerável interesse, especialmente pois nós demos um breve resumo da vida do Dr. Dee em um recente número do The Spiritualist:

**"O ESPÍRITO DO DR. DEE.**

19 de abril de 1873.

O que pode nos dizer acerca do espírito que veio noite passada?

Ele era o mesmo espírito que já o visitaste anteriormente e per fez a batida alta e afinada. Ele disse verdadeiramente que seu nome era John Dee. Ele foi um homem de grandes recursos e grande refinamento, versado nos mistérios de antigas magias e astrologia e em todas as ciências ocultistas. Ele também tinha habilidade em ciências exatas, tendo sido catedrático em Euclides na Universidade de Paris. Foi em vida terrena um espírito

progressista e versado no assunto do intercâmbio entre o nosso e o vosso mundo.

Ele disse que viveu na época da Rainha Elizabeth.

Sim, ele foi consultado como 'a voz dos espíritos' pela ocasião da coroação, e fixou o dia conforme os ditos dos seus espíritos-guias. Não sei o ano de seu nascimento ou morte, mas ele foi um amigo tanto de seu Rei Eduardo VI e de Elizabeth. Ela tomou grande interesse em sua maravilhosa coleção de trabalhos de ocultismo e visitava-o com freqüência em Mortlake.

Mas ele esteve no estrangeiro, disseste.

Ah, sim, deveras. Ele estudou em Louvain e em Cambridge. Tinha grande poder de aplicação, sendo capaz de estudar dezoito horas por dia.

[após uma pausa]Estiveste me dizendo acerca de John Dee.

Ele cá está. Através de mim, dar-te-á particularidades sobre si. Ele nasceu em Londres, no ano de 1527. Aos quinze, foi para o St. John's College, em Cambridge. Ali, estudou dezoito horas por dia, devotando quatro apenas para o sono. Perguntaste acerca de sua viagem ao estrangeiro. Ele foi para os Países Baixos depois de se graduar e antes de deixar Trinity. Estudou em Louvain e lecionou em Paris. Eduardo VI deu a ele Upton-on-Severn. Viveu e morreu em Mortlake, com uma biblioteca incrível de livros tanto sobre ocultismo quanto ciências exatas. Ele não consegue se lembrar agora do bairro da cidade onde nasceu. Em 1551, se juntou com Edward Kelly na busca da astrologia, magia e o que chamam agora de Espiritualismo. O Palatino de Siradia, que estava na Inglaterra em visita, patrocinou-o e levou-o para Polônia. Tendo-se cansado dele, despediu-o e então o Imperador Rodolfo o albergou. Banido então por decreto papal, eles se escondeu no castelo do Conde Rosenberg, onde continuou com suas artes ocultas, como assim as chamava.

O que quiseste dizer com 'deu a ele Upton-on-Severn'?

Pondo-o como padre do local; embora, de fato, fosse apenas pelo ganho que tal nomeação lhe trazia.

Ele, então, recebeu as ordens?

Não, amigo, nunca.

O que quiseste dizer com 'catedrático em Euclides'?

Ele dava aulas de matemática, especialmente sobre a visão euclidiana de geometria, da qual ele de algum modo desaprovava.

Quem era o Palatino de Siradia?

Albert Laski era seu nome. Conde, o seu título.

Como ele veio a mim?

Na vida terrena, ele foi um comunicante sério e avançado com as esferas e desde então tem estado em missão especial de ajudar aqueles que desejam perscrutar os mistérios da terra espiritual. Ele fora um grande médium e ajudado grandemente pelos espíritos. Agora, ele paga seus débitos. Ouvirás mais dele, agora ele dá seu adeus.”

Um dos mais conclusivos exemplos de uma inteligência agindo além do médium foi dado por um espírito que forneceu o nome de Zachary Gray, que disse ter sido um clérigo muito preocupado, na vida terrena, com as disputas religiosas entre a Igreja e os Puritanos. Ele viveu em Cambridge, em 1725, foi ali o vigário de São Pedro e Santo Egídio e também de Houghton Conquest. Foi mais conhecido no meio literário por sua edição de "Ye Immortal Hudibras" <sup>24</sup>, como ele mesmo disse. O espírito escreveu em uma peculiar caligrafia e em inglês arcaico os extratos abaixo postos. Após muito custo, eles foram verificados, com a exceção do último, nenhuma pista dele pode ser encontrada até a referência ter sido dada pela mão que escreveu o extrato. Eles vieram de um raro trabalho de John Lydgate, chamado "Ye Life of Our Ladye" <sup>25</sup>, uma cópia do qual pode ser visto, sob cuidadosas restrições, em uma sala interna do Museu Britânico. Cópias desse trabalho são extremamente escassas - não conhecemos mais nenhuma - e nenhuma, como temos certeza, esteve sob a observação do médium através do qual o extrato foi escrito.

*Em 24 de abril de 1873, Zachary Gray escreveu como segue <sup>26</sup>:*

*"Black was his wede, and his habyte also,  
His heed unkempt, his locke is hoare and gray,  
His locke downe caste in token of sorrowe and wo;  
On his chekes the salte teares lay,  
Which bare recorde of his dead affray.*

*His robe stayned was with Romaine bloode,  
His sworde aye redy whet to do vengeaunce,  
Lyke a tyraunt most furyouse and wode*

---

<sup>24</sup> N. do T.: O Imortal Hudibras, um poema que satirizava o confronto entre a Igreja Presbiteriana e os partidários de Cromwell, escrito por volta de 1670.

<sup>25</sup> N. do T.: A vida de nossa Dama, escrito por volta de 1422 e publicado em 1484.

<sup>26</sup> N. do T.: os escritos foram feitos em inglês arcaico e deixá-los-ei no original, exatamente para manter a fidelidade da prova.

*In slaughter and murdre set at his pleausaunce."*

*Em 20 de julho de 1873 ele escreveu, tendo previamente escrito um longo extrato de Ye Lyfe of our Ladye:*

*"Amigo, continuemos os excertos de Ye Lyfe of Our Ladye.*

*And dryeth up ye bytter terys wete  
Of Aurora, after ye morowe graye.  
That she in wepyng doth on flowres felte,  
in lustry Aprill, and in freshe Maye  
And...*

*[uma longa pausa]*

*Amigo, não posso mais. Zach. Gray."*

*Em 12 de junho de 1873 escreveu:*

*"Amigo, uma vez escrevi para ti um excerto dos trabalhos de John Lydgate. Estive esperando uma oportunidade de dar-te outros. Aqui está uma curiosa e pitoresca descrição da Sorte em suas mudanças perpétuas:*

*Her habyte was of many folde colours.  
Watchet blewe of fayned stedfastnesse,  
Her gold allayed like sun in watry showres,  
Meyxt With grene for change and doublenesse."*

*Em 20 de julho de 1873, o seguinte:*

*"In the countrey of Canterbury most plenty of fish is,  
And most chace of wilde beastes about Salisbury Irvis,  
At London Ships most, and wine at Winchester,  
At Hartford shepe and oxe, and fruit at Worcester,  
Soape about Coventry, and yron at Gloucester,  
Metall, lead, and tynne in ye country of Exeter,  
Evordwicke of fairest woode, Lincolne of fairest men,  
Cambridge and Huntingdon most plenty of deepe venue,  
Elie of fairest place: of fairest sight Rochester.*

*Amigo, eu lembrei direito.*

*Adeus, Zach. Gray."*

Em um dos extratos acima duas estrofes foram incorporadas em uma, e a porção intermediária da original descartada, que dificilmente poderia ter sido o caso do médium já ter visto as linhas em qualquer lugar, de modo que se poderia supor ter saído depois, inconscientemente, a partir de seu cérebro.



# APÊNDICE II

## ALGUMAS FASES DE MEDIUNIDADE INFLUENCIANDO NA IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

A evidência para o que é amplamente conhecido como o credo espiritual repousa sobre bases muitas, cada uma tendo seu próprio peso especial, e sua própria adaptabilidade aos especiais tipos de mente. Diversas fases de mediunidade fornecem diferentes fases de evidências, e é útil coletá-las e

compará-las sempre, para ver o que elas provam e para quais conclusões apontam.

As duas coisas, bem observado, são diferentes, e é a prática comum de confundir evidências prováveis com a prova de que muitos de nossos argumentos são fracos. É extremamente difícil provar alguma coisa fora da matemática, talvez, seja impossível quando lidamos com espíritos, com o oculto e o futuro. Porém, fora a prova matemática, há a certeza moral. Estamos moralmente certos de muitas coisas que não podemos provar, e que não submetemos a testes pessoais, que, por uma ou várias razões, não podemos demonstrar. E nisso agimos por toda nossa vida. É esta posição que eu concebo a ser atingido em referência ao credo do Espiritualismo.

E isto se aplica aquele ponto crucial de cada espiritista inteligente, que é o ao mesmo tempo o artigo mais atrativo em seu credo: a imortalidade do espírito humano, especialmente de seus próprios amigos falecidos, e, por inferência, de si mesmo. Aqui, de novo, há alguma frouxidão no uso dos termos. Não podemos "provar" a imortalidade - só podemos estabelecer uma mais ou menos forte presunção de vida perpetuada após a morte física. E esta presunção para aquele que tem tempo de estudar e oportunidade (o que nem todos possuímos) e alguma lógica em suas mentes (o que nem todos temos), pode carregá-lo ao plano da certeza moral. É bom para o Espiritualismo, como popularmente entendido, que assim seja; para isso deve ser admitido que o interesse popular largamente se centraliza na visão egotista e se alguém puder provar que esta raça humana não vive e fala (mesmo o absurdo que usualmente é falado) conosco, a maioria daria as costas e diria: "Eu quero os 'meus' mortos, não todos esses espíritos," - como a solitária criança, deixada no escuro, esfrega os olhos lacrimejantes e chora "eu quero a 'minha' mãe!"

Qual luz, então, tem a mediunidade para jogar nesta questão? Em estimativa popular, muita. Um grande acordo, de todo modo, deve ser feito na conta do entusiasmo, provas insuficientes, observações imperfeitas e afins, antes de entrarmos na raiz da questão. E quando assim fizermos, em casos individuais, e termos evidências que gerarão investigação, deveremos cuidar como um espécime a ser ajuntado com outros e preservado para referências. Parece-me que isso é outra falácia de constante recorrência nesse assunto. Cada caso de identidade é submetido a uma peneira de ciúmes e mais que justamente. Porém, cada caso é recebido com um olhar de surpresa como se fosse o

primeiro do tipo, como se nenhum viajor tivesse voltado de "*outré-tombe*"<sup>27</sup>, como se fosse um fenômeno solitário. Agora, isto é uma falácia, pois o peso das evidências é cumulativo. O primeiro caso prova pouco, o seguinte mais, o terceiro ainda mais, especialmente se os observadores tiverem feito relatos independentes. Então quando um sã e capaz observador vai além e diz: "Coletei uma centena de casos nos quais aqueles que se acham mortos se comunicaram comigo e deram provas de suas identidades perpetuadas", quando, por outro lado, outro diz, "e eu também", um terceiro, e por aí vai em grande número, que dão suas próprias evidências e mostram suas próprias razões para acreditar, e quando todas as provas fazem uma única conclusão - então o peso cumulativo é tão vasto que ignorar seria uma muito séria falácia.

Uma grande dificuldade em apresentar evidências desse tipo ao público é, o que é quase impossível, publicar nomes, fatos e datas *in extenso* (completos), ao menos em muitos casos. Os fatos referem-se a pessoas ainda vivas, ou o morto ter amigos vivos, cujos sentimentos devem ser respeitados. O médium poderia objetar a vivisseção e os amigos, ao exame post-mortem, que poderiam ser perfeitos por inquiridores muito rudes. Tenho outros casos gravados, como os de Abraham Florentine, os quais os leitores curiosos encontrarão em *SPIRIT TEACHING*<sup>28</sup>, que apresenta fortes provas de identidade, e eu tenho muitos mais. Coletei, creio, mais de uma centena. Muitos outros devem possuir casos similares, se suas observações foram obtidas cuidadosamente e se suas oportunidades foram boas. A maioria dos médiuns, creio, que não desperdiçam suas forças no fenômeno elementar com os quais os espíritos de classe mais baixa deliciam-se em produzir para a exclusão de qualquer outro, podem ter tais provas com paciência. Mas devem esperar e (na maioria dos casos) devem se contentar a pegar o que vem. Justos desejos de retorno de uma individualidade em particular usualmente derrota seus próprios objetos e isso um observador noviço tem de aprender. "Atenção expectante" (após Dr. Carpenter) não fabrica o resultado desejado, mas paciência, observação cuidadosa e uma mente passiva, conforme minha experiência, frutificam.

Relatarei, com tal precisão que as circunstâncias permitem, os fatos que me levaram a esse ritmo de pensamento. Uma extraordinariamente severa tensão de trabalho deixou-me há um mês, é necessário colocar, com o poder mental estafado e diluído, pois até ler um jornal era penoso. Conseqüentemente, eu

---

<sup>27</sup> N. do T.: francês para além-túmulo.

<sup>28</sup> N. do T.: publicado em português pela Editora da FEB como *Ensinos Espiritualistas*.

troquei o remoinho de Londres e a excitação de sua vida atribulada pela quietude pacífica do interior e ocupei-me no ocioso trabalho do nada fazer. Apesar de que não é muito do meu jeito, a princípio nada além da simples incapacidade de pensar me manteve parado. Logo, de todo modo, o descanso começou a fazer seu trabalho benéfico e eu experimentei o retorno das sensações de vigor mental. Durante todo esse tempo, e por algumas semanas antes, as evidências objetivas de mediunidade estiveram ausentes, salvo apenas por uns processos reparadores, que são comuns quando eu estou fora de forma. Mas, quando a saúde quedou-se restabelecida e as condições de silêncio e descanso permitidas, sobreveio uma condição de grande lucidez. Em ocasiões normais, na pressa e preocupação das ocupações diárias, as faculdades espirituais minhas são diminuídas. Eu vejo, posso dizer, "através de um vidro escuro", e tenho de tentar e testar minhas sensações antes de serem aceitas. Aqui não havia isso: a visão foi "cara a cara" e eu me descobri recebendo suas provas com a mesma aceitação sem os questionamentos que eu tinha do fenômeno que me circundava no mundo natural. Olhei para mim mesmo no vidro e aceitei a simulada apresentação sem questionar. Eu sei, é claro, que não estava ali - que solidez é ilusão de ótica, mas eu aceitei o modelo de trabalho e estou contente. Isso nos casos de visão clarividente. A visão era tão palpável que não criou aversão, admiração ou questionamentos em minha mente.

O primeiro dos meus casos ocorreu a 18 de agosto. Eu havia retornado de uma ausência de três dias à casa de amigos a quem visitava. Quando parti, uma amiga de uma dama da casa estava indisposta. Durante minha ausência, ela morreu abruptamente. Quando eu entrei na sala eu a vi parada ao lado de sua amiga - a dama que eu visitava. O fantasma desincorporado era tão claro para minhas vistas como a pessoa vivente com quem eu falava. "Então, Srta. \*\*\* está morta," eu disse, esquecendo que a boa senhora não podia ver o espírito visitante. "Sim." "E enterrada", eu continuei, como as palavras soaram aos meus ouvidos. "Sim, mas como sabe disso?" Então me lembrei, mudei o assunto, pois minha anfitriã teria desmaiado de horror se soubesse o quão perto de sua amiga estava. Estranho! Há umas poucas horas, ela se sentara de lado, segurara a mão úmida e beijara os lábios em que a morte já tinha posto o selo do silêncio, ainda assim teria gritado à amiga que estava ali por ela, sem o velho e pobre corpo do qual se tinha liberado. Isso é o que "eu creio na ressurreição do corpo" nos traz. Tomei nota do vestido, porte e rosto do

fantasma - eu nunca a tinha visto encarnada - e, como a ocasião pedia, eu suscitei de minha anfitriã uma descrição, que batia enormemente com minha visão, exceto por um ponto. O fantasma usava um broche de feitura peculiar, que não pude obter uma descrição. No dia seguinte, de todo modo, minha anfitriã veio da casa de sua amiga com um ornamento idêntico em suas mãos. Sua amiga tinha deixado para ela com uma recordação. Ela olhou enigmática para mim - muito; e eu achei que ela suspeitava de alguma coisa assombrosa, pois ela me olha de vez em quando, como se estudasse um fenômeno.

Durante o dia todo eu estava em estado de lucidez, podendo ver e conversar com pessoas que eram tão límpidas aos meus olhos e cujas vozes soavam tão distintas aos meus ouvidos, quanto qualquer outra coisa que colide com os meus órgãos dos sentidos naturais. Um visitante especial daquele dia me impressionou muito. Ele, também, era recém-falecido, e eu fiz seu reconhecimento, assim, pela primeira vez, ainda que sua forma e apresentação fossem tão claras para minha mente como eram os do clérigo digno que acabara de fazer-me a honra de me chamar e falar banalidades convencionais por meia hora. São fatos que deveriam preocupar-lhe, ainda assim sei muito bem (sua face foi o suficiente!) que se eu o tivesse esclarecido sobre o assunto ele teria corrido como vindo do Velho Diabo e, provavelmente, teria pensado que seria necessário purificar-se de alguma forma.

Durante o mesmo dia eu estava cômico da presença, melhor do que a forma, de um espírito que tentou fazer-se claro, mas falhou. É um fato comum para mim descobrir freqüentemente que alguém tentou se comunicar e não teve sucesso, porém vai embora depois de esforços infrutíferos, ou comunicam-se através de outro espírito. No caso, eu observei os esforços do espírito durante dois dias. A "atmosfera" - como eu chamo a sensação de uma presença conhecida sem uma forma reconhecida - de um espírito que pareceu familiar, e eu pensei que fosse, porém, não sabia quem era até que um espírito amigo me deu o nome. Era uma velha dama, uma conexão de um amigo meu próximo e seu esposo tinha sido um freqüentador assíduo de nossas sessões quando nos encontrávamos na casa do Dr. Speer. A figura nunca tinha ficado clara, como os outros, mas o reconhecimento foi completo por algumas comunicações bem tocantes dela. Ela foi uma alma simples e adorável, que viveu seus dias e saiu deste plano material após uma vida sem culpas e inocente em sua sinceridade e simplicidade como a maioria de nós deseja despendar. Seu marido era o contrário por natureza, mais material, mais dado a entesourar riquezas e

coisas deste mundo. A união, de todo modo, entre as duas naturezas parece ter sido verdadeira. E agora o espírito liberto encontrou seu deleite na união com seu marido terrestre e os dois se elevaram além da atmosfera terrícola na qual um deles foi prisioneiro por um bom tempo.

As comunicações são muito sagradas para citá-las e os poucos detalhes que dei são muito escassos comparados com a realidade. Em tais casos, a experiência é necessária na ordem de perceber a verdade. Seria impossível convencer-me que eu estava alucinado nesses casos. Eu deveria rebater a noção de um espírito personificado com desprezo. Havia em tudo e, especialmente, no último caso, um caráter especial de verdade, muito sutil para ser analisado, muito efêmero para ser posto em papel, isto é, para aquele que compreendeu, o "*ne plus ultra*" (o mais alto nível alcançável) de convicção.

A fase de clarividência gradualmente passou, pois se tornou necessário para mim retornar ao trabalho sem delongas. Eu tive fases recorrentes como essa várias vezes, mas elas vão quando o trabalho pesado da vida precisa ser feito. Nós não devemos fazer nenhuma experiência persistente desse tipo até que os possuidores do dom sejam isolados, separados de influências contagiosas, removidos das preocupações mundanas e tratados como os antigos tratavam aqueles por quem tinham acesso ao futuro. Porém, muito pode ser feito por cuidadosa observação, quando tal é possível, especialmente pelo próprio médium ao fixar suas sensações, anotando cada pequeno ponto - nenhum é muito pequeno para não ser importante - e manter exatas gravações de tudo.

Acima de tudo, é necessário, no presente estágio de nosso conhecimento, evitar ditar condições nesses experimentos. Pode algumas vezes ser feito na investigação de fenômenos físicos, mas não nesses. As condições são muito delicadas, são tão fugidias, conhecemos tão pouco, que a prolongada observação e paciência é o curso mais sábio. Ansiedade, sabemos, ceifará as condições de uma só vez; por isso, possivelmente, tão poucos amigos pessoais retornam ao médium. A maioria deles que vêm a mim são estranhos - pessoas de quem nunca havia ouvido falar. Alguns são aparentemente trazidos pelos meus próprios guias a fim de condenar um ceticismo obstinado de sua superficialidade; alguns são atraídos a mim por certa simpatia, alguns por curiosidade, alguns por desejos (raramente gratificados) de ser permitido ir até seus amigos terrícolas; alguns vêm, como se estivessem ainda na carne, como se poderia chamar um conhecido.

Citarei um caso desses, não porque é peculiar, ou porque apresenta qualquer marca que chame atenção especial, mas porque é um dos muitos - um caso típico, onde não havia "atenção expectante", sem margens para "cerebração inconsciente", sem objetos aparentes para engodos. Seis ou sete anos atrás, quando eu estava me tornando familiar com o Espiritualismo, tinha um amigo que trabalhava em um grande jornal. Eu estava inteirado do assunto e pensava que poderia conversar com meu amigo (eu nunca tive a mania de conversar). Ele estava pouco receptivo e debatedor e eu não quis causar qualquer influência sobre ele a não ser para impressioná-lo com a convicção da minha sinceridade e seriedade e uma descrença total na origem espiritual dos meus fatos. Um dia, estávamos caminhando e caiu uma chuva. Para evitar molharmos, refugiamo-nos em um bilhar perto e, enquanto esperamos a chuva passar, começamos a jogar, conversando todo o tempo. O proprietário era a outra única pessoa no recinto e ele mostrou interesse no que eu dizia. Ele fez algumas perguntas e pareceu mais assustado do que outra coisa. Era um comerciante de vinhos e me deu seu cartão quando saí. De tempos em tempos eu comprava algumas garrafas com ele e em talvez meia dúzia de ocasiões trocamos umas palavras. Sempre me perguntava sobre Espiritualismo. A última vez que o vi adoecera e disse que estava nas mãos dos facultativos, porém, curava-se rápido. Não o vi mais, até sentar sozinho, como era meu hábito, no meu escritório de manhã cedo. Ele apareceu por clarividência. Eu estava escrevendo sobre ação transcorporal do espírito, o duplo e tal, e eu me perguntava muito nesta aparição. Não pensei por um momento que era outra coisa além de um duplo de um ser vivo. Por um tempo ele não pôde falar, porém quando conseguiu se fazer ouvido, saudou-me como teria feito em vida, chamando-me de Sr.\*\*\*, um apelido que tinha ouvido de meu amigo quando estávamos juntos na mesa de bilhar. Era um apelido usado por ele e conhecido, tenho certeza, por ninguém, exceto dois ou três amigos. Ainda assim esse espírito falou bem naturalmente, como se tivesse encarnado, embora ele conhecesse meu nome verdadeiro muito bem. Eu gradualmente perguntei o que o trouxe e aprendi que tinha "vindo me ver". Ele estava morto - tinha morrido há dois meses, em um lugar que me deu o endereço. Deu-me o nome completo, a doença que o levou e a data de sua morte. Todos esses fatos eram totalmente fora de meu conhecimento. Ele morreu em balneário longínquo. Seu nome todo, doença (uma bem rara) e morte eram-me completamente desconhecidos. Eu e alguns amigos verificamos e confirmamos todos os fatos.

Ainda assim, ele pareceu não ter nenhuma razão especial em vir, a menos que queria dar sua pedra ao marco de provas. Ele nem mesmo disse que descobriu a verdade de minha fé, e veio para confirmá-la. Ele veio e foi, como muitos outros fazem o mesmo, nunca mais o vi.

Esses são espécimes de fatos que me moralizaram. O que vieram provar? Que conclusões fundamentadas tirei deles? Em poucas palavras, inteligência desincorporada. E não apenas isso, além, individualidade perpetuada. Fatos fenomênicos, dos quais eu tenho visto aos borbotões, estão em minha mente fora de um "talvez". Eu não apenas creio - eu os conheço e qualquer número de falsificação (tanto quanto eu deploro cada um deles) poderia fazer nada para balançar o peso da evidência positiva. Eles têm seu uso, os quais admito gratamente, e em seus lugares perfazem valoroso trabalho. Porém, não provarão meu caso; e eles serão nada além de trampolins para maiores conhecimentos. Não servirão para meus propósitos, que é provar o que se chama de IMORTALIDADE. Eu "os" conheço, porém eu não sei "o que os causa". Não entrevistei "a Inteligência Operadora do outro lado da linha" (quando assim digo, aludo aos meros casos de fenômenos físicos quando nenhuma informação ou nome é dado; não aos casos como o de Florentine, onde os fatos são inteiramente dados através dos movimentos da mesa). Eu não procuro tais casos para a classe de provas que quero. Creio que deve estar em outro e mais alto plano e somente após pesquisa paciente e laboriosa. Não jaz na superfície e não é para ser juntado como maná caído dos céus.

Em minha busca por essas evidências, eu devo sair das vistas de muitos a quem eu gostaria de continuar em companhia.

1. Devo deixar homens, como o Professor Huxley, e um grande número de pessoas que dizem, sinceros, "Eu não ligo para tudo isso. Não me interessa. Não quero ouvir essas palavras supérfluas e não importo se vivo de novo ou não." Destes, eu devo-me separar *in limine* (logo no início). Eu me importo e muito com esse assunto. Acho que é "o" problema a cujo interesse todos os outros deveriam se render. Eu quero viver, continuar vivendo, trabalhando, aprendendo, em resumo, energizando-me. E eu sinceramente espero que o Professor Huxley viva de novo, a despeito de si mesmo, se necessário. Eu lamentaria a extinção de tal "partícula de mente Divina."

2. Eu devo deixar o homem que se encontra incapaz de obter qualquer evidência que o satisfaria, e que é, portanto, sempre preocupado com fenômenos superficiais, "sempre aprendendo e nunca capaz de ter o



conhecimento da verdade." Há algumas mentes, creio piamente, que não são construídas para receber qualquer prova desse assunto. Devem ser deixados a tatear ou conseguir provas em outros lugares, ou não obter nada afinal. Eu tenho o que mantenho como prova, tal como é possível, tal como eu quero. Eu vou seguir em frente.

3. Então eu devo deixar aqueles que se entregam em meras logomaquias, distinções imperceptíveis, "questionamentos curiosos" em assuntos superficiais de nenhum momento real. Devemos fazer isso até nós "desaparecermos no infinito azulado", como Tyndall coloca, ou como seu irreverente parodista traduziu, "até tudo estar azul." Há nenhum fim em mera guerra de palavras. Deixem-nos ir em frente, tendo certeza da fortaleza atrás de nós, deixem-nos progredir.

4. Nem posso eu pensar que aqueles que gritam avisos teológicos sobre o demônio mereçam mais atenção. Não os noto. Falei com muitos espíritos bons, maus e indiferentes, alguns que chamaríamos inimigos figadais, alguns que chamaríamos de pessoas decentes na aparência externa (sepulcros caiados, não obstante); alguns felizes, outros nem tanto, porém ainda não descobri o demônio. Não tenho medo de espíritos zombeteiros, e deixar-lhes-ia assustar aqueles cujas mãos primeiramente os criaram. Espíritos são bastante "humanos", como uma regra (que possui exceções), são homens e mulheres com as fragilidades, paixões, peculiaridades e características da vida terrena. São apenas o que eram e permanecem até que mudem a si mesmos. Não são deuses nem demônios.

5. Mais uma classe e eu saio, que são aqueles que me enganam com fantásticas, não provadas e improváveis hipóteses; entretenimento astucioso de cérebros curiosos, inventados pelo propósito de ignorar a explicação simples de fatos e substituir algumas sutilezas bem desenhadas que são inúteis se comprovadas e que podem ser deixadas em paz até que repousem sobre bases sólidas. Eu acredito em explicações simples a menos que possam ser reprovadas. O ônus da prova é daqueles que as rejeita e eu tenha a firme crença que estamos logicamente certos em descartar ou, ao menos, relegar a futuro exame, hipóteses que aparentam basear-se nas asas da imaginação. Elifas Levi, por exemplo, e certa classe de escritores ocultistas nos dizem que os espíritos astrais mantêm sua existência individual por algum tempo para serem dissolvidos nos elementos, assim como o corpo físico se desmancha e finalmente se converte ao pó. Esse espírito astral, eles dizem, podem se

comunicar por um tempo depois da morte corpórea, tornar-se visível e fazer, com efeito, o que dizemos que os espíritos fazem. Mas serão logo desintegrados e sua vontade nos ouvirá por pouco tempo. Bem, essa é a teoria. Por que, perguntamos, e por quanto tempo? Tenho obtido fatos e afirmações e as verificado também de espíritos que deixaram a Terra dezenas, centenas e em alguns casos de milhares de anos. Esses descansam na mesma autoridade com a qual descobri fidelidade depois de reiteradas provas e, portanto, embora eu não possa verificar as afirmações devido ao lapso temporal, eu as considero evidências secundárias. Isso me leva a pôr de lado tais hipóteses.

Deixando-os sozinhos, então, eu quero chamar atenção aos fatos, espécimes dos quais eu já aludi; as características de suas produções; a natural cumulatividade da evidência - apenas um lado, seja lembrado, que é aqui citado - e para a conclusão lógica, deduzida deles. Esses fatos, tomados em sua devida e natural conexão com outros fatos influenciando o assunto, parecem a mim demonstrar:

1. Inteligência desencarnada.
2. De um caráter que é humano.
3. Individualidade mantida de sua vida terrícola.

Não devo insistir em outros argumentos, porém insisto que os fatos são muito numerosos, que sua força é cumulativa; embora alegremente faço grandes deduções por entusiasmo, fraudes, lacunas nos relatos e tal; também admito e creio que uma inteligência não humana igualmente trabalha, eu, no entanto, sustento que o homem realmente, em muitos casos determináveis, vive após sua morte corporal e que em tal estado incorpóreo preserva sua individualidade mental característica.

Creio que isso, logicamente, garante-me na discussão sobre o cânone geral da existência pessoal além da morte para a humanidade *en masse*<sup>29</sup>, embora eu esteja disposto a admitir exceções (que, aliás, confirmam a regra).

Creio que os agentes arrolados no Espiritualismo são principalmente seres humanos falecidos, embora também creio que alguns ou muitos dos fenômenos menores são causados por seres que não alcançaram ainda o plano humano de inteligência, assim como eu tenho a segurança de que certamente alguns, que avançaram muito além dela, voltam a fim de esclarecer e instruir-nos.

---

<sup>29</sup> N. do T.: francês para em massa.

Com o Professor De Morgan, eu admito que a explicação espiritual seja "ponderadamente dificultosa", contudo eu também insisto que, como resultado de minhas próprias experiências e leituras e após longo e cuidadoso estudo, o peso das provas esteja, para minha mente, "ponderadamente" do seu lado.

# APÊNDICE III

## CASOS DE IDENTIFICAÇÃO DE ESPÍRITOS

### **1. Homem atropelado por uma locomotiva. <sup>30</sup>(\*)**

Na tarde do sábado, 21 de fevereiro, uns poucos amigos nos encontramos na casa da Sra. Makdougall Gregory, no número 21 da Green Street, em Grosvenor Square, W. No encontro éramos seis ao todo, e incluso o Barão Du Potet e o cavalheiro a cuja mediunidade estamos em débito pelos Ensinos Espiritualistas que aparecem de tempos e tempos em nossa coluna. Havia nenhuma intenção de se ter uma sessão espírita e assuntos comuns eram o objeto de conversa, quando, inopinadamente, em meio ao jantar, esse cavalheiro surpreendeu-nos ao dizer que sentia um espírito perto dele entre si e o barão (que estava à sua direita); bom ou mal não podia dizer, mas a influência não era agradável. O espírito também foi percebido pelo Barão, a quem deu a impressão de que

---

<sup>30</sup> *The Spiritualist*, 27 de março de 1874 (contribuído por uma testemunha ocular na sessão espírita)

estava em um estado de grande estresse e era assim o espírito quando vivo. Nada mais dissemos na hora, mas o médium continuou a sentir uma desagradável presença perto dele e falou disso a mim quando o jantar se findou.

Tão logo chegamos à sala de estar, ele foi impelido a sentar e escrever, quando um papel e lápis foram trazidos, sua mão se moveu para frente e para trás com grande rapidez, e uma coisa foi duramente desenhada no papel que se assemelhava a um cavalo atado a um tipo de charrete ou carreta. Muitas tentativas foram feitas para deixá-lo mais claro e então as seguintes frases foram escritas: "Eu me matei, eu me matei hoje, Baker Street, o médium passou." Aqui a escrita se tornou ininteligível, com o médium se tornando cada vez mais agitado, até que se levantou da cadeira e em transe exclamou frases soltas: "Sim! Sim! Matei-me hoje, sob uma locomotiva, Sim! Sim! matei-me sangue, sangue, sangue!" O controle então cessou, mas o médium sentiu a mesma presença desagradável por horas a fio e não pode deixar de sentir por dias.

Em referência à comunicação, posso afirmar que, embora o médium tinha passado pela Baker Street naquele dia, nem ele, nem qualquer pessoa presente estavam cientes de que um homem tinha cometido suicídio ali pela manhã ao se jogar sob uma locomotiva. Uma breve nota da ocorrência apareceu no *The Pall Mall Gazette*, de tarde, mas ninguém no encontro tinha lido o jornal. É de valia notar que a frente da locomotiva que era usada na Baker Street se assemelhava a um cavalo de bronze e isso, talvez, possa explicar o desenho do médium, o que ele certamente não esperava fazer.

Permitam-me, para concluir, apontar umas inferências que possam ser justamente retiradas dos fatos que apresentei àqueles que desejam aceitá-los como verdade. Em primeiro lugar, parecem provar que nenhum montante de injúrias feitas ao corpo no momento da morte incapacita o espírito de ação imediata. Neste caso, o infeliz literalmente foi feito em pedaços, e ainda assim, umas poucas horas depois, seu espírito pode se comunicar escrevendo pelo médium e pode também fazer uso de seus órgãos de fala. A seguir, parece que um espírito recém-saído do corpo carrega com ele algo corpóreo, de outra maneira seria difícil explicar a impressão do barão que o espírito que havia percebido era o de uma pessoa que havia vivido. De novo, podemos inferir que espíritos imediatamente após a morte são capazes de reconhecer um médium através do qual possam se comunicar.

No caso em tela, parece que o espírito seguiu o médium desde a Baker Street e esperou uma oportunidade de fazer-se conhecido. E, por último, quero somar, ao homem que aceita os fatos que narrei e persegue uma solução as dificuldades que o cerca procurará em vão por muita assistência da força psíquica ou cerebração inconsciente.

## 2. Caso de Abraham Florentine<sup>31</sup>

*“Sr., em The Spiritualist, de 11 de dezembro de 1874, imprimiste uma carta minha, uma carta de certa monta a qual, visto a informação eliciada dela, pedirei que a reproduza:*

*No mês de agosto último, eu estava com o Dr. Speer em Shanklin, Ilha de Wight. Tivemos um bom número de sessões, e em uma delas um espírito se comunicou, dando o nome de Abraham Florentine. Ele disse que tinha participado da guerra de 1812 e tinha entrado na vida espiritual em Brooklyn, EUA, em cinco de agosto, com a idade de oitenta e três anos, um mês e dezessete dias. Tivemos alguma dificuldade primeiramente em descobrir se o mês e os dias referiam-se a idade ou a duração de sua doença, mas ele retornou na tarde seguinte e clareou-nos.*

*A maneira pela qual a comunicação foi feita era muito singular. Estávamos sentados, três no total, ao redor de uma pesada mesa de loo <sup>32</sup>, que duas pessoas moveriam com dificuldades. Ao invés de batidas, as quais estávamos acostumados, a mesa começou a tilintar. Tão ansioso estava o espírito comunicante que a mesa levantou-se alguns segundos antes que a primeira letra fosse requerida. A fim de marcar o "T", ela se levantava, tremia de excitação em uma maneira totalmente indescritível com o "K" e então descia com o "T" com um estrondo que estremecia o chão. Isso se repetiu até a mensagem se completar; porém, tão ansioso era o espírito e tão impetuoso em suas réplicas, que confundiram o Dr. e Sra. Speer completamente (eu estava em transe profundo) e o processo se prolongou por toda a sessão. Se posso me aventurar a opinar, eu diria que Abraham Florentine foi um bom soldado, um combatente não muito atraente para se encontrar no campo de batalha e que retém muito de sua velha impetuosidade para se alegrar com sua liberação do corpo, o qual (se*

---

<sup>31</sup> *The Spiritualist*, 19 de março de 1875

<sup>32</sup> N. do T.: loo, ou lanterloo, um antigo jogo de cartas do século XVII.

*assim posso opinar de novo) se tornara um fardo para ele devido à dolorosa doença.*

*Poderiam os jornais americanos me ajudar a verificar os fatos e suposições?*

*M.A. (OXON.)”*

O Sr. Epes Sargent, a quem privadamente comuniquei os fatos do caso, foi gentil o suficiente para inserir-me um parágrafo no *Banner of Light* de 12 de dezembro de 1874, incorporando a mesma pergunta. O resultado foi provocar o que o Banner chamou de "uma das mais singulares e bem-atestadas evidências do retorno de espírito que agradecemos à sorte de relatar durante uma longa experiência". A matéria pode melhor ser assentada nas palavras usadas pelo repórter do *Banner of Light* de 13 de fevereiro de 1875. Observe-se que uma má compreensão quanto ao significado das palavras "um mês e dezessete dias" ocorreu primeiramente, mas foi subseqüentemente esclarecida, pois, de acordo com o relato da viúva, a idade teria sido oitenta e três anos, um mês e vinte e sete dias. Isso, todavia, não afeta o caso da identidade.

A pergunta original no *Banner* foi esta, e o resultado abaixo retiro diretamente do jornal.

*"Em uma sessão na Inglaterra, uma comunicação espiritual foi recebida através de pulos de uma pesada mesa. A própria mesa parecia viva embora acabasse desintegrada em pedaços de madeira. A essência da comunicação foi o espírito de um Abraham Florentine, que morreu no Brooklyn, N.I., em cinco de agosto de 1874. Ele disse que esteve na guerra de 1812 e depois de um intervalo somou 'um mês e dezessete dias'. Pode algum amigo nosso do Brooklyn nos informar se já ouviram falar de Abraham Florentine?"*

*Tão logo essa edição de nosso jornal se tornou pública, recebemos pelo devido curso de correio a seguinte resposta, que fala por si mesma:*

*'Ao editor do Banner of Light.*

*No Banner recebido hoje, está um parágrafo referente a um espírito que se manifestou através de um médium em uma mesa em algum lugar na Inglaterra e deu o nome de Abraham Florentine, um soldado da guerra de 1812. Uma pergunta foi feita se alguém havia ouvido falar dele, não posso responder especificamente a ela, mas estive engajado no Exército por quase quatorze anos desde que fiz parte do alistamento de 1812 no estado de Nova Iorque e ainda*

*tenho a posse dos alistantes. Em tais papéis aparece o nome de Abraham Florentine, de Brooklyn, N.I., e uma ficha completa do seu serviço pode ser conseguida no escritório do General-adjunto do Estado de Nova Iorque, sob o código 11.518, guerra de 1812. Creio, de todo modo, que ali não afirma um prazo mais longo de serviço do que ele deu na Inglaterra, sendo o soldo de 58 dólares.*

*Wilson Millar, agente de seguros federais.  
Washington, DC, 13 de dezembro de 1874.'*

*Seguindo o aviso de nosso consultor legal, endereçamos uma carta ao General-adjunto de Nova Iorque, perguntando por fatos, sem, de todo modo, dar qualquer razão de nosso pedido e recebemos a seguinte réplica cortês:*

*'Quartel-General do Estado de Nova Iorque,  
Escritório do General-adjunto, Albany, 25 de janeiro de 1875.*

*Srs, em resposta a sua comunicação datada de 22 de janeiro, tenho a responder a seguinte informação, dos arquivos deste escritório: Abraham Florentine, praça na Companhia do Capitão Nicole, Primeiro Regimento de Milícia de Nova Iorque do Coronel Dodge, voluntário em Nova Iorque por volta de dois de setembro de 1814, serviu três meses e foi dispensado com honras. Ele recebeu uma carta de garantia de terra número 63.365 para quarenta acres<sup>33</sup>. O acima descrito foi retirado da declaração juramentada dos soldados, não de relatos oficiais.*

*Muito respeitosamente,  
Franklin Townsend, Gen-Adj.  
Colby and Rich, Montgomery Place, 9, Boston.'*

*Aqueles que são familiares, através da experiência como investigador, com os trabalhos dos círculos espiritualistas, terão em mente que os dados corretos de datas são sempre uma matéria dificultosa da parte da inteligência retornada, e, portanto, a menor discrepância existente entre o tempo de serviço dado pelo espírito Florentine e aquele incorporado no relato é facilmente explicável.<sup>34</sup> Só que os fatos principais foram estabelecidos. Aqui há um espírito que se manifestou sob as mais peculiares circunstâncias, da maneira mais forçada, a um grupo em uma terra estrangeira, cujos membros eram todos estranhos ao fato que tal ser como ele mesmo pisara no planeta; um membro do tal grupo perguntou através de um jornal inglês que provas (se existisse alguma*

---

<sup>33</sup> N. do T.: *Land Warrant*, ou carta de garantia de terra foi um benefício usado pelos EUA até 1855 para obter voluntários para as demandas militares e dava direito a obter terras consideradas públicas ou, até mesmo, recém-anexadas.

<sup>34</sup> Isso é uma má-interpretação. Um mês e dezessete dias referem-se a idade, não ao tempo de engajamento.



*na América) podiam ser dadas para se verificar as assertivas ditas pelo espírito, e a mesma pergunta chegou a nós por uma carta particular; nós então redirecionamos ao público pedindo informações acerca de alguém que nunca tínhamos ouvido falar; recebemos em resposta, vindo de um cavalheiro em Washington, de cujo encontro pessoal não tivemos o prazer de ter, a informação que nos levou a escrever ao General-adjunto do Estado de Nova Iorque (que também nos era completamente desconhecido), e fomos assegurados de dados existentes em seu escritório que tal soldado serviu na guerra de 1812. A teoria de conluio é aqui insustentável, pois todas as partes que deram testemunha são estranhas entre si. A cadeia de evidência se completa. Deixem aqueles que achem que possam explicar essa ocorrência com qualquer outra hipótese do que a mantida pela filosofia espírita tentarem."*

Quando tal matéria apareceu, meu amigo, Dr. Crowell foi gentil o bastante em obter verificações adicionais com a viúva de Florentine. Apenso sua carta, publicada no *Banner* de 20 de fevereiro de 1875:

*"Ao editor do Banner of Light*

*Sr., após ler no Banner do último dia 13 o artigo "Abraham Florentine - verificação de sua mensagem", eu examinei minha lista de endereços do Brooklyn e achei o nome de Abraham Florentine, com o número 119 da Kosciusko Street. Estando ao momento sem serviço e interessado em investigar o assunto, fui à rua e ao número indicado, e encontrei-me com uma dama de certa idade, a quem eu perguntei se ali morava algum Abraham Florentine. Ela disse 'Ele residia aqui, mas faleceu.'*

*Pergunta: Posso perguntar se é a Sra. Florentine, sua viúva?*

*Resposta: Sou.*

*Após eu ter dito que gostaria de obter mais informações sobre seu finado esposo, ela me convidou para sentar na varanda, e nossa conversa é assim resumida.*

*P.: Posso perguntar quando morreu?*

*R. Agosto último.*

*P.: em que dia do mês?*

*R.: Cinco.*

*P.: Qual sua idade ao tempo do falecimento?*

*R.: Oitenta e três.*

*P.: Ele comemorou o octogésimo terceiro aniversário?*

*R.: Sim, foi em oito de junho.*

*P.: Ele serviu em alguma guerra?*

*R.: Sim, na de 1812.*

*P.: Ele era naturalmente ativo e autoconfiante, ou o contrário?*

*R.: Ele tinha uma vontade própria, e era um tanto impetuoso.*

*P.: Sua última doença foi de curta ou longa duração e ele sofreu muito?*

*R.: Ele permaneceu na cama por um ano ou mais, e sofreu um bom bocado.*

*Dei aqui as perguntas e respostas na sua ordem, e nas exatas palavras, das notas escritas na hora. Durante uma pequena pausa seguindo a última pergunta, Sra. Florentine, que pareceu ser uma muito respeitável senhora de por volta dos sessenta e cinco anos de idade e americana de nascimento, perguntou meu objetivo em tais questionamentos, foi aí que li a ela o artigo do Banner, que evidentemente a assustou, embora a interessasse, e eu então dei uma explicação completa de seu significado, grande foi a sua surpresa. Ela então endossou completamente cada linha dele e a deixei, agradecendo e prometendo, conforme seu pedido, enviar uma cópia do último número de seu jornal.*

*Tem de ser observado que enquanto o espírito do Sr. Florentine assume sua idade sendo oitenta e três anos, um mês e dezessete dias, de acordo com a conta da viúva deveria ser de vinte e sete dias, porém essa discrepância não vale a pena notar já que tanto ele quanto ela podem estar igualmente enganados.*

*Assim, o caso remanesce, antes mesmo que esta confirmação adicional de sua idoneidade tivesse sido obtida, é certamente uma verificação incrível de uma mensagem espiritual, porém como agora se apresenta, parece, para mim, que a evidência é conclusiva.*

*Devo somar que tenho certa intimidade com "M.A.(OXON.)", o cavalheiro de Londres que pediu em The Spiritualist por informações de Abraham Florentine, e posso assegurar aos seus leitores que ele ocupa uma posição literalmente muito elevada e seu caráter é garantia contra conluios e engodos. Tenho prazer em contribuir com o estabelecimento da identidade do espírito comunicante,*

*Atenciosamente,*

*EUGENE CROWELL, M.D.<sup>35</sup>*

*Brooklyn, N.I. 15 de fevereiro de 1875."*

---

<sup>35</sup> N. do T.: sigla para Medical Doctor, ou Doutor em Medicina.

A mim pessoalmente é extremamente interessante achar meus questionamentos verificados por fatos. Nunca duvidei que o caso pudesse ser provado, como tantos outros, ser verdadeiro, porém, o ponto de observação interessante para mim foi quanto a concretude das deduções que tirei do modo singular pelo qual a comunicação se fez. A veemência dos tilintares e batidas, o (para nós) inteiramente novo modo de comunicação, a evidente honestidade do espírito, e sua ansiosa tentativa de "ter algo a dizer", foram muito impressionantes. Sem dúvida, o que impressionará os leitores mais ainda é a natureza singularmente conclusiva da prova acerca do retorno real do falecido. Indubitavelmente nenhum de nós outros escutou sobre Abraham Florentine, nem tínhamos quaisquer amigos na América que pudessem dar notícias do que lá acontecia, nem, se tivéssemos, poderiam eles ter-nos mencionado um fato ao qual não teríamos ligado a mínima. Por uma questão simples de verdade, repito que ambos os nomes e fatos eram inteiramente desconhecidos por qualquer um de nós. E isso é um entre muitos exemplos que já experimentei o qual espero ajuntar e divulgar eventualmente.

M.A. (OXON.)

10 de março de 1875.

### 3. Charlotte Buckworth <sup>36</sup>

Um espírito se comunicou através de pancadas, dando particularidades bem precisas de sua vida e inteiramente desconhecidos de qualquer membro na sessão.

No dia seguinte, eu perguntei acerca dela e um relato foi dado, para o efeito que seu nome, Charlotte Buckworth, tinha sido dado corretamente: que ela não tinha nenhuma conexão especial comigo ou com meus amigos, porém falaria para um que estava presente. O fato era que eu tinha estado no dia anterior em companhia de quatro pessoas, todas mais ou menos mediúnicas, evitado comunicações normais e introduzido um elemento perturbador.

Foi dito que Charlotte Buckworth, o espírito em tela, tinha sido repentinamente retirada da existência corpórea em 1773, em uma festa de prazeres, na casa de um amigo em Jermyn Street. Rápidas perguntas elucidaram que ela sofria de coração fraco e tinha caído morta enquanto dançava. Meu amigo que estava a escrever não pôde dizer qual casa, mas

---

<sup>36</sup> Ensinos Espiritualistas, *The Spiritualist*, 25 de março de 1874.

subseqüentemente, retornou e deu-me a informação, a do Dr. Baker, em cinco de dezembro.

Não fomos capazes de verificar tal informação, e não demos mais importância ao assunto. Após algum tempo considerável, de todo modo, Dr. Speer tinha um amigo em sua casa, que gostava muito de vasculhar antigos livros. Nós três conversamos uma tarde em uma sala na qual havia um tanto de livros raramente usados, arranjados em prateleiras do chão ao teto.

Sr. A. (como o chamarei) subiu em uma cadeira para alcançar a prateleira mais alta, que continha volumes do Registro Anual. Ele pegou um, soprou a poeira e comentou que a publicação era um valioso registro de eventos. Quase tudo, ele disse, poderia ali ser encontrado. Assim, passou-me pela mente a idéia de que ali eu encontraria algo sobre a morte de Charlotte Buckworth. O evento poderia provavelmente ter criado interesse, então poderia ser encontrado no obituário que cada volume continha.

A impressão era muito forte - parecia como que uma voz falasse em meu imo - que eu procurei o volume de 1773 e ali achei, entre as mortes notáveis, um relato dessa ocorrência, que tinha feito alarde, pois ocorrera em uma festa numa casa famosa e com estranha rapidez. Os fatos haviam sido dados corretamente.

O livro estava coberto com muita poeira e não havia sido lido desde que tinha sido posto na prateleira. Eu lembro que os livros tinham sido arrumados cinco anos antes e ali ficado desde então e, se não fosse pelo gosto antiquário do Sr. A., ninguém teria bulido com neles.

A verificação foi, creio, tão distintivamente espiritual em sua sugestão quanto o foi a comunicação.

# APÊNDICE IV

## EVIDÊNCIA DE FOTOGRAFIA ESPIRITUAL <sup>37</sup>

Tal fotografia foi tirada por Hudson durante o tempo que ele viveu em Palmer Terrace, Holloway. A pequena figura no centro da figura é uma babá do Dr. Speer, que está à esquerda, ao fundo; a forma sombreada à frente e à direita é a mãe da infanta. Já relatei antes como esse espírito infantil persistentemente se manifestava em nosso grupo desde quase sua fundação, vindo com uma mensagem em francês primeiramente sugerindo sua identidade. Ela passou para outra esfera de vida há mais de cinquenta anos, em Tours, tendo então apenas sete meses de idade. Sua pequena e jovial mensagem, "Je suis heureuse, très heureuse" <sup>38</sup>, foi a primeira indicação que tivemos de sua presença e que a pequena criança, tão constantemente descrita pelos clarividentes enquanto

---

<sup>37</sup> Extraído do *Researches in Spiritualism*, por M.A.(OXON.) na *Human Nature*. (No original há uma fotografia, aqui não aposta).

<sup>38</sup> N. do T.: em francês "Estou feliz, muito feliz".

permanecia perto de mim, era esse pequeno espírito, que, pelos meios que dispõe, estava tentando chegar perto de seu irmão. Desde então, ela nunca mais nos deixou e seus tapas joviais não são raramente ouvidos em nossas sessões. Ela vive na casa tanto quanto uma das crianças da família; e é tão comum para mim, quanto tão reais eles são. Eu a vejo, ouço sua voz pelos sentidos internos, sinto seu toque e por duas vezes obtive seu retrato na placa fotográfica.

Esta em particular foi tomada sob estritas condições de teste. Dr. Speer e eu seguimos a placa em todo lugar e nenhuma precaução que eu já tenha detalhado antes fora negligenciado. Nunca perdemos de vista a placa e podemos dar testemunho firme de que nenhum elemento suspeito apresentou-se.

O dia seguinte ao que foi tirada a fotografia era um domingo e eu me juntei ao banquete da família. Quando a janta estava quase terminando, fiquei parcialmente em transe e poderosas batidas foram ouvidas da mesa de jantar. O alfabeto foi solicitado e ao Dr. Speer foi pedido ir até a sala onde usualmente nos encontramos e acharia uma mensagem para si. Ele foi, porém não pode achar nada. Então foi pedido que olhasse de novo e finalmente encontrou debaixo de um bibelô, que estava em um lugar onde os raios de sol não batiam, um pedaço de papel, no qual havia alguns gatafunhos curiosos. Não podíamos fazer nada com aquilo por um tempo, até que nos ocorreu segurá-lo contra um espelho. Então descobrimos que era uma mensagem, escrita da direita para a esquerda e de baixo para cima. A mesma cruz tosca que então acompanhava cada mensagem e que mesmo agora é freqüentemente usada, estava no papel, e a mensagem, à primeira vista, parecia ininteligível. Decifrada do jeito que descrevi, assim dizia; "Sou Espírito do Amor. Não posso me comunicar, mas estou perto. A fotografia era da pequena Pauline." Pauline era um dos nomes da criança, seu nome completo (aliás, desconhecido de qualquer um de nós) fora corretamente soletrado em resposta a nossa pergunta, Catharine Pauline Stanhope Speer, junto com data de nascimento e morte. Outro claro caso de cerebração inconsciente do Dr. Carpenter!

Essa escrita, então obtida, em uma sala onde ninguém estava, dentro da qual ninguém iria e sob circunstâncias onde perfazer um truque (se estivesse na mente de alguém em fazer tal coisa) era impossível, deu-nos a chave para a identidade do espírito. Eu disse que truques eram impossíveis, pois não havia na casa quem pudesse executar tais garatujas abstrusas, ninguém que poderia

desejar fazer isso, ninguém, exceto nós mesmos, que conhecíamos o nome da criança - Pauline. O mesmo agente que estava trabalhando para produzir a imagem autenticou-a para nós.

Em uma inspeção minuciosa da foto, nos deparamos em dois pontos especiais. A pequena figura era tão perfeita que uma poderosa lente de aumento revela seus detalhes muito distintamente e, entre outros, os longos cílios, que são uma característica da família toda. Um estranho não poderia de uma vez perceber o que é aparente para todos aqueles que os conhecem. De novo, um hábito constante dos que retornam do além é identificar-se pela reprodução de alguma peculiaridade de vestimenta ou maneirismo. Em outra fotografia é um chapéu preto. Ali é uma luva longa, que aparece na mão da mãe, a figura ajoelhada perto da criança. Era seu hábito a percorrer a casa organizar e arrumá-la de maneira de dona de casa com uma luva na mão. Ela tinha um cuidado especial com a brancura das mãos e tomava precaução para preservá-la.

Antes de terminar este capítulo, eu tenho outro exemplo a aduzir deste hábito de identificação pela reprodução de algumas peculiaridades conhecidas. No presente, eu tenho mais a dizer sobre a pequena criança.

Um mês atrás tentamos fotografar com Sr. Parkes (de quem falaremos adiante), e ela apareceu de novo. Eu sentei em uma pequena mesa e quase instantaneamente entrei em transe. Em meu estado clarividente, vi a criança permanecendo ou me rodeando perto do meu ombro esquerdo. Ela pareceu estar parada perto da mesa e tentei em vão chamar a atenção do Dr. Speer para ela. Tão logo a exposição terminou, eu acordei, disse o que tinha visto e na placa revelada apareceu na mesa uma pequena figura de criança. A posição era exatamente onde eu a tinha visto e sentido. E a figura, que também carrega traços de semelhança familiar, foi imediatamente reivindicada pelo pequeno espírito como sua imagem: alegria ilimitada sendo expressada com o sucesso do experimento. Tão clara era a minha visão, tanta certeza eu tinha do que poderia ser encontrado na placa que eu teria apostado todas as minhas posses no resultado antes de o ver.

APÊNDICE V

ALGUMAS  
DIFICULDADES  
DOS  
PESQUISADORES  
DO  
ESPIRITUALISMO<sup>39</sup>

Ao lidar com as dificuldades da pesquisa, eu devo sacar outras fontes de informação além das minhas próprias experiências. Por mim mesmo, embora

---

<sup>39</sup> Uma carta entregue em um encontro da Associação de Espiritualistas, no número 38 da Great Russel street, Londres.



tenha encontrado muitas dificuldades desde então, primeiramente tive nenhum problema considerável em me fazer familiar com os fatos do Espiritualismo. É na explicação dos fatos que problemas desconcertantes apareciam. Como o próprio fenômeno, embora muitas pessoas parecem encontrar muita dificuldade em obter evidências por seus próprios sentidos, e ainda mais em crer na prova quando as obtêm, pus-me em risco de ser confundido apenas pela superabundância do fenômeno que desafiava minha atenção.

### **Minha apresentação ao Espiritualismo**

Foi da seguinte maneira. No primeiro semestre do ano de 1872, alguns amigos, com quem eu estava então morando, mostraram-me um livro de Lorde Adare de relatos de sessões com D. D. Home. Eu tentei ler, mas pareceu-me o disparate mais tedioso que eu já havia visto. Com muito nojo e impaciência eu fui até a metade e então joguei de lado. Umas seis semanas depois, meu amigo pôs em minha mão um dos livros de Dale Owen, com um pedido para que eu lesse e investigasse o assunto com o qual ele lidava. Foi com muita relutância que concordei rever a questão. Não me interessou e eu estava ocupado com outras coisas. A despeito, entretanto, dessa "passiva" falta de interesse (ativa ou oposição dogmática não tinha lugar em minha mente), eu me achei fartamente impressionado com as afirmações e argumentos do Sr. Owen. Por alguma causa, seja preparação espiritual interna ou convicção intelectual, vi-me impelido por um irresistível poder de usar cada meio de pesquisa do alegado fenômeno que então sacudiu minha mente.

Adquiri cada livro que podia ter em mãos e devorei-os com avidez. Pesquisei onde poderia ver por mim mesmo esses novos fenômenos e fui informado que uma tal de Srta. Lottie Fowler mantinha uma sessão naquela mesma noite (dois de abril de 1872) no número 15 da Southampton Row. Fui e fiquei grandemente assombrado com o que vi e ouvi. Não preciso entrar em detalhes das ocorrências da primeira parte da sessão, a maioria dos espiritistas são familiarizados com a rotina das sessões da Srta. Fowler. Muitos absurdos são falados e muitas afirmações vagas são feitas, o que não me pareceu ser útil

como testes de identificação de espíritos. Eu estava rapidamente me enjoando. Pedia por algo mais claro, algo no qual eu poderia ajuizar como uma peça estável de evidência. Perguntei, portanto, se eu poderia aventurar-me em obter tal prova por mim mesmo. Com a licença dada pelo diretor do grupo, dirigi-me ao espírito que guiava o médium.

*"Está cansando o seu médium e fazendo troça de nós. Vá e traga alguém sério."*

*O médium estremeceu, se virou e a voz apareceu como se incomodada.*

*"Não tem nada a fazer contra eu. Não vou. Mim não 'vai'."*

*"Sim, irá. Irá e trará outra pessoa."*

*Após outro colóquio, o médium de novo estremeceu, parecendo estar em dores e permaneceu firme no lugar, agachado como se tivesse medo.*

*Após um tempo, a voz voltou, porém muito mudada, desta feita de um homem, muito calmo e fleumático, ao invés da voz infantil falando jargões de bebê.*

*"Querias-me?"*

*"Sim, qual vossa graça?"*

*"Prefiro não dizer. Podeis perguntar vossas questões."*

*"Não, diga-me o que vê, ou descreva qualquer um que veja perto de mim. Eu direi sim ou não, não mais."*

*"Vejo um homem, muito velho, alto, com uma longa barba branca e cabelos longos."*

*"Sim."*

*"A barba é muito branca."*

*"Não, continue."*

*"Ele tem uma calvície acentuada e seus olhos são esbranquiçados. Ele é cego!"*

*"Sim."*

*"E seu rosto é negro e azulado. E (aqui o médium estrebuchou violentamente), oh! o que é isso em sua boca? Parece lodo, lama... e... oh! sangue."*

*"Sim."*

*"E... está escuro. Não posso ver."*

*"Continue. Como ele está vestido?"*

*"Ele usa um longo casaco azul. Não, não exatamente um casaco, porém é longo. Não posso ver seus pés."*

*"Onde ele está?"*

*"À direita, perto de ti."*

*"Dar-me-ia seu nome?"*

*"Não. Ele parece confuso. Acho que é sobre dinheiro. Ele parece tão horrível. Deixai-me ir! Por que me mantendes aqui?"*

*"Vá então. Conheceis-me?"*

*"Não." (isso foi muito enfático)*

Não tentarei descrever a cena durante o tempo que essa conversação se manteve. Eu a citei de um registro completo e cuidadoso escrito à época e toda a cena está indelevelmente gravada em minha mente. Cada um pareceu petrificado e admirado. Eles teriam ficado ainda mais, se tivessem sabido com qual precisão fotográfica tal panorama, em minha própria experiência privada, foi reencenado diante dos meus olhos. Fora, tenho certeza, totalmente desconhecido por qualquer pessoa da sala, como o fora para mim mesmo. Foi uma cena que se passou em uma distante parte da Grã-Bretanha e foi reproduzida com um poder realístico que levou, como uma enxurrada, toda dúvida e hesitação. Senti que o homem esta ali perante mim, ele mesmo reproduzindo a história de sua morte para minha convicção.

### **Como me tornei um espiritista**

Essa experiência fez-me um espiritista, deu-me fé - eu iria dizer um conhecimento - que nenhum montante de experiências posteriores serviu para sacudir. Desde aquele tempo eu jamais vacilei, embora tenha visto muito que me deixasse perplexo, muito que ofendesse o bom gosto. Embora eu tenha ouvido falar de engodos e crendo que fraudes existam, tenha visto razões para questionar todas as conclusões de alguns espiritistas e assinalar uma maior área ao reino das causas do que eles estavam dispostos a conceder, tenha encontrado problemas dia a dia com os quais não pude resolver e dificuldades que apenas conhecimento e experiências avançadas podiam plenamente dissolver, a despeito de tudo isso, as conclusões daquela noite, apoiadas e confirmadas por muitos em uma experiência posterior, permanecem firmes e inamovíveis.

### **Posterior investigação**

Poderia detê-los longamente, o que seria tedioso, ao descrever os passos pelos quais posteriores provas foram lançadas em minha mente quando fui às sessões públicas mantidas por Herne e Williams e descobri nenhuma dificuldade em obter fenômenos por observação. Eles ocorreram em abundância, porém eu queria mais tempo e facilidade para perquiri-las. As condições de sessões públicas me irritavam e determinei tentar algumas sessões particulares com Herne, Williams, eu mesmo e um amigo como únicos observadores. A primeira delas, em 29 de maio de 1872, foi uma falha total e postergamos para cinco de junho, quando Herne não apareceu. Um terceiro encontro, no dia oito, foi feito como último esforço, pois minha mente estava tendo gradualmente preconceitos acerca dessas hesitações e estavam me tirando do sério. Tivemos mais uma meia hora sem resultados e propus desistir. Eu tinha lido (durante o intervalo, eu lera cada livro sobre Espiritualismo que pudesse ter em mãos) que algumas pessoas param de ter manifestações, e acreditei ser possível que eu pudesse ser um ofensor. Retirei-me e o fenômeno ocorreu de inopino. Retornei e cessou. Isso ocorreu três vezes, e as comunicações foram longamente obtidas por tiptologia. Logo cessaram, de todo modo, e Herne e Williams começaram a se virar, tremer e se contorcer na verdadeira maneira mediúnica. Para meu grande horror, essas comunicações físicas vieram para mim. Meu braço direito foi pegado na altura do meio do antebraço e lançado violentamente para cima e para baixo com um barulho semelhante a um trator. Foi a mais tremenda exibição de "ação muscular inconsciente" que jamais vira. Em vão, tentei parar. Sentia distintamente o aperto da mão, macio e firme, ao redor de meu braço e, embora perfeitamente na posse de meus sentidos e pensamentos, estava sem forças para interferir, minha mão ficou dias sem mobilidade devido aos machucados ali conseguidos. O objetivo, logo descobrimos que era aumentar a força, pois Herne foi levitado sobre a mesa e sua cadeira foi colocada de modo a descansar sobre a mesa da lareira perto da qual ele estava sentado.

Outro fenômeno se fez e especialmente marcante foi aquele que ocorreu justamente quando estávamos indo embora. Williams precedeu-me escadas a baixo, então veio meu amigo Dr. Speer e Herne foi o último. Eu virei para a escada para dizer alguma coisa para ele e vi em plena luz uma cadeira flutuando cerca de noventa centímetros do chão e vindo direto para nós. Pousou perto de nossos pés. É desnecessário dizer que esse movimento no meio do ar de um artigo pesado - era uma cadeira muito robusta - nos fez

examiná-la cuidadosamente e retornar à sala vazia que havíamos deixado. Nenhum fio suspeito ou mecanismo havia ali, nem poderia qualquer apetrecho que eu possa imaginar ter produzido o que vi sem detecção instantânea. Nenhuma prova mais completa da existência de uma força independente pode ser concebida.

### **Evidências confirmatórias**

Obtive fortes provas da existência da força, dela ser governada por uma inteligência e do fato de que a mesma era, em um caso, de um amigo falecido.

Eu passo por cima de uma grande quantidade de OUTRAS evidências confirmatórias, e apresso-me a dizer em poucas palavras outra ocorrência que muito aprofundou a impressão de já existia em minha mente. Meus amigos foram para o litoral em um feriado de verão e eu ia juntar-me a eles por um curto tempo. Entrementes, fui visitar um velho amigo cuja saúde decaía e que me escreveu implorando para vê-lo, pois sentia que seu tempo acabava. Corri para atendê-lo, mas cheguei apenas para saber que havia falecido poucos dias antes, se ressentido do porquê de eu não ter ido vê-lo. Permaneci na casa e quando fui na sala onde o corpo de meu amigo era velado, a forma espiritual parou em frente de mim para me cumprimentar como faria se estivesse vivo, com um sorriso e mão levantada. Eu o vi pela clarividência tão real quanto meu olho natural discerne os objetos ao meu redor; e não apenas uma vez, mas repetidas vezes.

Isso, não preciso dizer, aumentou minha fé e fortaleceu suas fundações. Muitas pedras foram posta em tal fundação e a superestrutura chegou a uma boa altura, mas não é tão alta ou pesada para aquilo sobre a qual descansa.

### **Experimentos privados**

Digo brevemente que me juntei aos meus amigos e nossos experimentos se resumiam ao círculo familiar. Uma a um todos os mais comuns fenômenos foram produzidos e uma nova maravilha foi adicionada. Embora tive extraordinárias oportunidades de testemunhar o fenômeno do Espiritualismo durante os últimos seis anos, não tinha visto nada igual a variedade das manifestações e a espontaneidade que foram feitas. Ocorreram todo o tempo e em todos os lugares, na casa e fora dela, sem uma sessão formal; nas refeições,

na igreja, em salas fechadas, aqui, ali e acolá, até que nenhum de nós pudesse, como observadores sãos e capazes, ter qualquer dúvida da natureza independente da inteligência, ainda mais que, como perquiridores honestos da fonte da inteligência, vimos nenhuma causa para duvidar de sua inequívoca afirmação, solene e repetidamente feita, que procediam dos espíritos puros e bons, alguns dos quais, em qualquer grau, eram nossos amigos falecidos, todos ex-habitantes desta terra.

## Vários investigadores e suas dificuldades

Tal é meu próprio relato e meditando sobre ele sinto que tomei algumas liberdades com o meu tema, pois isto não é um rol de dificuldades. Porém, embora não tenha problemas em narrar, tenho grande conhecimento no papel com os problemas de outras pessoas. Os últimos cinco anos foram preenchidos com uma correspondência grande o suficiente para tributar a energia de um único homem sem qualquer outra ocupação apenas principalmente pelas dúvidas e dificuldades, teorias e opiniões e, especialmente ao anseio variado dos investigadores.

## Pseudocientistas

1. Uma classe de correspondentes, a quem posso chamar de cientistas ou pseudocientistas, tiveram muitos problemas para me explicar, alguns com grande cortesia, outros com grande piedade, alguns com paciência e uns poucos com certa aspereza, que eu sou um tolo - não o dizem, mas deixam transparecer - por acreditar ou me preocupar com tais assuntos. Médiuns eles chamam de vagabundos vulgares, duvidando pelo princípio do *ex uno disce omnes* (de um tira-se o resto); investigadores como tolos superficiais, presumidamente devido a não aplicação do método científico feito notório em um celebrado exemplo recente. Eu obtenho os benefícios integrais dos discursos sobre as leis da natureza (todos os quais são aparentemente bem conhecidos pelos meus correspondentes): tendões chicoteantes, nós dos dedos estalantes, atenção expectante, Carpenterianismos inconscientes <sup>40</sup>, *et hoc genus omne* (e tudo o mais do tipo).

---

<sup>40</sup> N. do T.: Idéias do Dr. W. B. Carpenter, naturalista britânico, sobre adaptação físicas inconsciente, já anteriormente citado.

Isto, talvez, seja a leitura mais fatigante e tediosa de todas, porém serve para mostrar que as idéias dominantes abraçadas por essa "ciência, falsamente falando", são os maiores entraves da investigação justa e livre do Espiritualismo.

## **Teoristas**

2. Uma segunda classe são aqueles que possuem uma idéia, um plano, uma teoria. Não quero dizer que aqueles que dominaram fatos e que ganharam os agradecimentos de todos ao devotarem-se a tarefa de sugerir explicações para eles. Esses merecem a gratidão eterna de todos os amantes da verdade. Refiro-me àqueles que consideram completamente o fato como uma questão subsidiária e cujos olhos estão cheios com as proporções de suas próprias idéias. Digo-lhes que não estão bem familiarizados com os fatos que não são, decerto, de acordo com suas teorias e que eles os têm posto de lado com muita complacência dignificante, explicam que se suas idéias são propriamente estimadas portanto deverão ser comprovadas verdadeiras, e então, desde que a natureza trabalha de acordo com a lei, os fatos irão, no final, encontrar seu lugar. Um correspondente expôs a mim esse iluminado pedaço de argumento conexo com sua idéia de que tudo não passa de alucinação simultânea.

Esses correspondentes me levaram a crer que outra causa do motivo do sucesso não atender as investigações de algumas pessoas, é por que suas mentes estão desesperançadamente escurecidas pela exclusão de toda luz devido à cegueira de uma teoria falsa.

## **O ignorante**

3. Uma terceira classe é a dos puramente ignorantes. Esses usualmente professam-se assim ser, vão até mesmo desfilarem o que já é suficientemente óbvio, como se fossem os trapos e tremedeira do mendigo, uma desculpa para apelar à piedade do público. Começando com esta plataforma, essas pessoas propõem as perguntas mais absurdas às coisas celestiais e espirituais. Levantarão questões que (suponho) um arcanjo seria incapaz de responder, simplesmente devido que tal ser excelso não encontraria no inquiridor conhecimentos anteriores que fizessem tal resposta inteligível. Perguntarão acerca de Deus e a criação, a natureza das ocupações da eternidade,

demandando com muita ingenuidade uma biografia de todas as hostes celestiais e um plano topográfico das esferas. Propõem simples questões sobre predestinação e a natureza do mal, da encarnação e outros problemas teológicos, os quais parecem supor-se todos tão claros quanto lama para o espírito que, mesmo que apenas por alguns anos pobres, se emancipou do corpo físico.

Isso me imprime uma crença que outra causa da falha com alguns investigadores é que eles não se preparam ajuntando conhecimentos anteriores e limpando velhas falácias para receber novas verdades. O solo não foi arado, revolvido e limpo de ervas daninhas para que novas sementes possam ter a chance de frutificar.

### **Os críticos capciosos**

4. Aliados em ignorância são aqueles que posso chamar de capciosos, aqueles que "querem saber" por que tais e tais condições são necessárias, por que tais e tais coisas não podem ser feitas de tais e tais modos, por que fenômenos não podem ser obtidos no Instituto Real, por que tem de ter tal coisa como um médium ou uma corrente, por que não os abolir e deixar cada homem ser seu próprio médium, em resumo, por que tudo é como é, e por que tudo não é como não é. Essas pessoas, podem declarar, sabem como tudo deva ser, poderiam modificar o universo de Deus para um padrão melhor e dar-lhe princípios inteiramente novos. A eles pode ser recomendado para iniciar suas melhorias, fazer uma limpeza nas "condições" do professor Tyndall em seu laboratório no Instituto Real, e quando eles abolirem a sala de desenvolvimento do fotógrafo iremos começar a conversar com eles.

Isso leva a crença de que há algumas, temo que devo dizer muitas, pessoas levam em suas mentes um espírito capcioso - intolerante, arrogante e dogmático - o que é uma clara barreira à recepção da verdade. Eles não apenas não varreram e ornamentaram a câmara, como impediram os pontos de acesso com *chevaus de frise* <sup>41</sup> das acusações insensatas e encheram o chão com estilhaços para negociar. Foi Sr. Spurgeon quem, ao descrever uma pergunta capciosa, declarou que se a constelação de Órion fosse apontada, ele

---

<sup>41</sup> N. do T.: arame farpado em francês.



imediatamente sugeriria que sua forma era pobre e que as estrelas poderiam ser reorganizadas sob novos princípios.

Tais críticas não estão todas fora do Espiritualismo.

## **Os espiritistas**

5. Por último, há o grande corpo de espiritistas cujas perguntas são extremamente sugestivas.

Alguns - a maioria deles - estão ocupados em uma busca pelos amigos falecidos. Se qualquer um quer saber quão profundo as afeições estão nos motivos que levam o homem ao assunto, necessita-se apenas conversar com qualquer um que teve oportunidades como as minhas de ver as mentes daqueles que se interessam pelo Espiritualismo. Muitos que negligenciaram o assunto descobriram-no atrativo quando havia esperança de reunião com aqueles que lhes foram retirados do convívio. Muitos que tinham interesses desconexos nos princípios científicos, ou nem por mera curiosidade, descobriram uma indução mais profunda e mais viva quando a morte invadiu suas casas. E muitos, temo, descobriram que tudo não é tão simples quanto esperavam; que há leis além da sepultura, como há aqui; e que estas impedem ou retardam as relações cobiçadas - muitos dão as costas e impacientemente dizem que o Espiritualismo é uma zombaria, um negócio de espíritos subumanos, um acordo com demônios.

Isto, afinal, é nada além de uma refinada forma de egoísmo, e sugere a nós outra dificuldade anterior nos meios dos pesquisadores, i.e., que o desejo demasiado ansioso para uma coisa e um estado muito positivo de mente são quase certos de produzirem fracassos. A mente deve estar em paz, em equilíbrio harmônico, e não tendenciosa ou excitada. A melhor atitude é uma de simples receptividade, uma atitude, digamos, bem compatível com o mais lógico escrutínio e a mais acurada observação.

De novo, as cartas de espiritistas entusiásticos traem uma inabilidade singular de entender as leis das evidências. Há muitos níveis nos quais a convicção advém a mente, especialmente em matéria de intercâmbio com aqueles que foram muito amados e que estão a nós perdidos. Pode ser que para um foi concedida a prova que ansiava através de algumas mensagens, alguns testes privados, algumas poucas pistas que falavam de uma vez ao seu coração. Porém, ao relatar tais ocorrências, freqüentemente muito sagradas para

publicitar, ele se esquece que outros não possuem os mesmos meios de julgar o que obteve e a eles sua palavra de entusiasmo e alegria exagerada parecem apenas declarações excitadas de uma mente louca.

Ou, de novo, uma sessão tirada de muitas é relatada, talvez anonimamente. Nenhuma prova justa é dada, nenhum teste indicado. Aquilo, pode ser, já fora aplicado antes, a convicção fora estabelecida e os testes não são mais úteis. Sim, porém o narrador esquece, em seu entusiasmo, que sua carta é isolada, suas afirmações soltas e o fenômeno espantoso. E então o neófito lê, pergunta e repele. "Esses homens", ele diz, "não sabem o que as leis das evidências e as regras da lógica significam."

Seria melhor, creio piamente, que nenhum relato deveria ser apresentado ao público, exceto aqueles que poderiam servir para um exame cruzado. Muitos, muitos mesmo, seriam então excluídos, contudo, o mundo seria melhor e poucos tijolos permaneceriam no caminho do pesquisador.

Eu sei que há muitos fatos cujos capítulos e versículos não podem ser dados - muitas ocorrências que aderiram o odor da afeição, que não podem ser expostos às duras rajadas de críticas. Eu sei isso bem, e poderia dizer: "Mantenha tais para satisfação particular ou uso futuro. Virá o tempo quando tais relatos encontrarão lugar e quando os sentimentos dos vivos não mais necessitarão ser poupados; e, se não, o teste, santificado pelas memórias sacras, não perderá nenhum de seus valores, se mantê-lo consagrado ao objetivo pelo qual foi dado originalmente."

Devo provavelmente recomendar o parecer favorável de todas as pessoas razoáveis quando digo que para uma mente sem instrução - para uma mente que não é familiarizada com o fenômeno do Espiritualismo - muitos relatos devem ser lidos estranhamente relaxados tanto em método de observação quanto em linguagem. Nós, que escrevemos muito freqüentemente, às vezes, esquecemos que alguém que nos lê não possui conhecimentos anteriores e que o que para nós é conhecido, para outros é muito estranho. Devemos conscientemente lembrar que a nenhum homem deve ser pedido a dar parecer a tais fatos e verdades quando propomos aceitação pública - fatos novos e estranhos, e não apenas isso, mas transcendentais e, em certos casos, ao contrário de experiências anteriores - a menos nas mais exatas e completas evidências. É um insulto a inteligência esperar crença em outras bases e as conversões, digamos, que poderiam ser então obtidas, não são da ordem mais elevada da mente.

E, enquanto estou neste tópico, devo pedir sua permissão para dizer mais uma coisa. Não é apenas inconveniente e errado publicitar relatos soltos e errôneos, como não é sempre sábio imprimir - mesmo recontando-os com toda ênfase e entusiasmo - cada relato exato de todo fenômeno extraordinário, a menos que possa ser atestado por um peso de testemunhos que faça impossível para uma mente justa rejeitá-lo. Creio que não é sábio forçar alimentos muito condimentados àqueles que não estão preparados para digerirlos. Não me entendam mal, quero dizer exatamente o que disse. Não acho sábio impor a crença àqueles que não estão acostumados com o assunto. É tudo tão estranho, tão subversivo de prévias experiências, que eu aconselho discricção. Os antigos foram sábios quando mantinham correntes esotéricas tanto quanto as exotéricas.

É de meu conhecimento que muito mal foi feito em muitas ocasiões por inadvertidamente forçar em mentes despreparadas o que para elas parecem narrações monstruosas de ocorrências não explicadas e inexplicáveis. A digressão se transforma, e o ouvinte confuso diz: "Eu poderia ter ficado com um pouco disso, mas assim é um pouco demais." Há filosofia nesta observação. O crescimento deve ser gradual e assim ser feito. Forçar é ruim em qualquer jeito. O fruto parece bom, mas não tem sabor. A planta é exuberante, porém não aguentará o frio invernal. O pesquisador assim tratado é bem capaz de ficar doente.

Eu já transpus meus limites e não disse metade do que me ocorre. Não há parte de meu trabalho agora para apontar como o pesquisador deve se esquivar dos escolhos que jazem em seu caminho, nem para dizer como os métodos forçados de investigação dos quais ele é vítima indefesa agravam suas dificuldades. É mais para apontar agora que eu chamo a atenção o fato de que muitas das dificuldades do pesquisador são de sua própria lavra. Eles saem, como tentei mostrar, da ignorância, da arrogância, de uma mente tendenciosa, da unilateralidade intencional ou inconsciente de pontos de vista, da fixa determinação de perseguir um (talvez inatingível) fim, da excitação e do entusiasmo e da falta de calma e da investigação meticulosamente desapaixonada e paciente.

APÊNDICE VI  
IDENTIDADE DOS  
ESPÍRITOS  
EVIDÊNCIAS DO SR.  
S.T. SPEER

*“Ao editor de The Spiritualist.*

*Sr., as comunicações espirituais anexas, dada pela mediunidade de um cavalheiro vos bem conhecido, são notáveis pois lidam com a questão de uma inteligência independente e de identificação, que meu egotismo ao submetê-las aos leitores de The Spiritualist possa ser perdoado.*

*O caráter singular de tais comunicações jaz nisto: que talvez em nenhum ponto que poderia ser mencionado é o médium tão absolutamente desprovido de todas as informações normais como em matérias musicais; enquanto os detalhes aqui dados das vidas de certos antigos músicos eclesiásticos, tendo influenciado meu filho (um rapaz de quatorze anos), são tão minuciosas e tão absolutamente exatos de todos os modos, que nenhum músico vivo, embora treinados desde a infância em um coro de igreja, poderia sem referências a uma biografia musical, dar tais informações.*

*Devo somar que, cada manifestação que ocorreu em nossa corrente aparentemente teve por objetivo estabelecer a importante questão da identidade.*

*STANHOPE T. SPEER, M.D., Edimburgo  
DUDLEY VILLA, SHANKLIN, ILHA DE WIGHT,  
19 de janeiro de 1874.”*

A fim de se entender as seguintes comunicações curiosas, é necessário predizer que relacionam-se ao filho de quatorze anos do Dr. Speer. Desde os tenros anos, ele mostrou notáveis habilidades musicais e atraiu atenções e as mais altas expectativas em todos aqueles que eram capazes de julgar suas composições. Tão numerosas as comunicações foram dadas sobre vários assuntos que o Dr. Speer pediu ao médium para se asseverar, se possível, se o menino tinha algum guia músico. Foi em resposta a tal pedido que a informação foi recebida. Ela era desconhecida do médium, decerto, e tão detalhada que só pôde ser verificada com muita dificuldade através de um amigo que consultou um dicionário biográfico de música. Os nomes dados eram desconhecidos de todos, exceto por pessoas versadas na história da música de igreja. O ponto curioso é que a composição do rapaz era incrivelmente influenciada pelo estilo peculiar do compositor, que foi declarada desta fonte independente. Mais detalhes do que esses aqui impressos foram dados, porém basta o que translado para mostrar o teor dos escritos.

*“[14 de abril de 1873] Pode nos dar alguma informação sobre os guias de C\*\*\*n?*

*C\*\*\*n é principalmente guiado por um honesto e muito sábio espírito, que foi na vida terrena um membro da mesma família que veio Janet Nares*

*Lydgate e John Lydgate, com quem já houveréis se comunicado. Seu nome era James Nares.*

*Era ele músico?*

*Sim, como C\*\*\*n, ele tocava com grande habilidade o órgão e era o organista do Rei e mestre do coro real.*

*Como ele foi atraído a C\*\*\*n?*

*Espíritos-guias não são sempre atraídos. Às vezes, são selecionados por suas próprias capacidades. São naturalmente capazes de ensinar. Às vezes, são enviados com uma comissão especial. Às vezes, são escolhidos porque são capazes de suprir o que é esperado no caráter dos quais irão treinar. Às vezes, eles mesmos selecionam um caráter que desejam moldar. É um grande prazer para altos espíritos. Às vezes, eles desejam, para sua própria ascese espiritual, ser unido a uma alma cujo treinamento seja dificultoso e espinhento. Eles labutam para o Alto junto com a alma. Às vezes, são atraídos por pura afinidade ou por reminiscências de amor terrícola. O guia, neste caso, foi indicado devido ter sido ele também na Terra um músico realizado em tenra idade. Quando organista em Iorque, não ainda aos vinte anos de idade, ele obteve grande renome.*

*[20 de abril de 1873, asseverei-me de que a informação era correta]  
Onde o Dr. Nares nasceu?*

*Em Stanwell. Seu pai era o Conde de Abingdon.*

*Quem o treinou?*

*Gates primeiro, depois Pepusch. O primeiro era mestre do Coro Real.*

*Onde foi sua primeira apresentação?*

*Como suplente do Dr. Pigott em Windsor, e finalmente do Dr. Salisbury, em Iorque. Lá estava ele com o velho que zombara dele quando criança, e que ele desempenhou um serviço muito difícil, embora meia nota abaixo do tom, o qual ele trouxe para a escala de sétima maior. Ele sucedeu ao Dr. Green como organista do Rei e também preencheu o lugar de seu velho mestre, Gates. A ele, amigos, deveis a primeira introdução de melodias expressivas na música clerical.*

*Ele só tem um guia?*

*Não; há outros. Os Irmãos Lawes.*

*Dê-me fatos. Eu especialmente desejo testes de identidade. Os fatos mais minuciosos.*

*Eles eram pupilos do velho Caperario; filhos de um vigário da Cantuária eles eram em vida terrena. William, o mais velho era um amigo do jovem Rei Carlos I. Compôs fantasias para a viola da gamba, músicas e mascaradas. Henry,*

*o mais jovem, era um amigo de Milton e Waller. Milton escreveu o "Comus" para ele, mas a música se perdeu.*<sup>42</sup>

*Nunca ouvira falar deles. Podeis-me dizer onde viviam?*

*[após uma pausa] Henry passou à Terra Espiritual em 1662, William em 1645.*

*[12 de setembro de 1873] Eu gostaria de colocar os pedaços de informações que nos deram ultimamente em uma ordem lógica. A grande questão em minha mente é a da identidade. Qualquer ponto esmiuçado que podereis nos dar, eu testarei. Tudo que dissestes até agora é literalmente verdadeiro.*

*Dar-vos-emos cada prova que estiver em nosso poder. Decerto esses detalhes esmiuçados são sem valor para vossas convicções. Até ela ser estabelecida pouco mais pode ser feito. Portanto, devotamo-nos a demonstrar a realidade daqueles que, mesmos invisíveis, se comunicam convosco.*

*Benjamim Cooke agora está muito ocupado com C\*\*\*n ser atraído a ele por similaridade de gosto. Ele, na vida terrícola, desenvolveu-se cedo como um gênio da música. Foi, penso, antes de ele alcançar a idade de quatorze anos que concertou ao órgão da Abadia de Westminster. Como James Nares, que se comunicou convosco, ele foi um pupilo de Pepusch e de Gates, ambos a quem ele sucedeu no trabalho.*

*Está o espírito dele presente?*

*Cá está.*

*Responder-nos-á ele em detalhes?*

*Ele dar-vos-á provas. Ele nasceu em 1730 e progrediu sob os cuidados de Pepusch tanto que foi suborganista da Abadia de Westminster em 1742. Sucedeu seu mestre Pepusch como diretor da Academia de Música Antiga e Gates como organista e cantor da Abadia, tanto quanto mestre dos meninos. Ele tinha então trinta e dois anos. Quando criança, foi um talento musical prodígio aí residindo a simpatia com vosso menino.*

*Ele é o Dr. Cooke cujo nome encontramos em uma partitura de canto? O nome de batismo não era dado.*

*Sim, ele graduou-se Doutor em Música pela Universidade de Cambridge, em 1775, quando seu hino Behold how good and joyful foi apresentado como prova final.*

---

<sup>42</sup> N. do T.: "Comus (A Mask Presented at Ludlow Castle)", de 1634, é uma mascarada em honra da castidade, escrita por John Milton.

*Ele escreveu algum trabalho considerável?*

*Não compreendemos o que chamais de ‘trabalho considerável’. Era como um compositor secular que ele mais brilhava, embora fosse organista da Igreja de St. Martin-in-the-Fields. Escreveu muito para o Catch Club. Ode to the Passions, de Collin, estava entre seus trabalhos. Ele faleceu com a idade de sessenta e três anos.*

*O outro espírito é Wellesley, Conde de Mornington. Ele também cedo se desenvolveu. Seu pai tocava violino e a criança se encantara com o instrumento. Tocou-o assim que seus dedos infantis puderam segurá-lo. Aos nove anos compôs, sem qualquer instrução prévia, uma serenata para o violino. Fora sob guia espiritual.*

*E ele não teve mestres?*

*Ele compôs tão bem que Gemminiani e Rosengrave não poderiam dar assistência. Estes estão agora ocupados com C\*\*\*n.*

